

**PESCA ARTESANAL EM FAMÍLIA: UM RELATO ETNOGRÁFICO
SOBRE O OFÍCIO PESQUEIRO EM SÃO FRANCISCO DE
ITABAPOANA, RJ.**

GRAZIÉLI DE OLIVEIRA SOARES

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE – UFF

CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ

JULHO – 2016

**PESCA ARTESANAL EM FAMÍLIA: UM RELATO ETNOGRÁFICO
SOBRE O OFÍCIO PESQUEIRO EM SÃO FRANCISCO DE
ITABAPOANA, RJ.**

GRAZIÉLI DE OLIVEIRA SOARES

Monografia apresentada na Universidade Federal Fluminense, como parte das exigências para obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Professor Dr. José Colaço Dias Neto

CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ

JULHO – 2016

**PESCA ARTESANAL EM FAMÍLIA: UM RELATO ETNOGRÁFICO
SOBRE O OFÍCIO PESQUEIRO EM SÃO FRANCISCO DE
ITABAPOANA, RJ.**

GRAZIÉLI DE OLIVEIRA SOARES

Monografia apresentada na Universidade Federal Fluminense, como parte das exigências para obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. José Colaço Dias Neto – UFF (Orientador)

Prof. Dr. Rodrigo de Araújo Monteiro – UFF

Prof. Dr. Rogério Azize – UERJ

Este trabalho é dedicado a minha família,
por ser o porto seguro que está sempre
pronto para receber seu navio depois de
uma enorme tempestade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter concedido força e coragem para tornar esse sonho realidade.

Agradeço a minha família, que ao longo desse percurso, me apoiou e em especial a minha mãe Alda Maria e meu pai Benedito Roberto, que por todo esse tempo estiveram comigo. A minha sogra Maria Cecília que sempre me incentivou e também me recebeu de braços abertos junto com meu sogro José Geraldo em sua casa durante os meses mais intensos da pesquisa e também aos meus irmãos.

Ao meu marido Fagner Soares, que esteve sempre ao meu lado nos momentos mais difíceis e tensos, não só da pesquisa, mais da minha vida. E também por me acompanhar na pesquisa de campo.

Ao professor e orientador José Colaço Dias Neto, por ter aceitado o convite de me orientar. Também pelos ensinamentos e por sua experiência que, ao decorrer do caminho percorrido, foram fundamentais para chegar até aqui; e também ao Núcleo de Estudos Antropológicos do Norte Fluminense Luiz de Castro Faria Nêanf/UFF. Também agradeço aos professores Rogério Azize e Rodrigo Monteiro pela participação na banca examinadora e pelas valiosas contribuições ao trabalho.

A minha amiga Rafaela Souza que esteve comigo nos momentos mais difíceis dessa caminhada, sempre disposta a ajudar.

A turma de Ciências Sociais– UFF – 2011, Anderson, Carmem, Clovis, Cristiane, Elba, Gisele, Simone, Tayna e Natalina.

Aos professores do Colégio Estadual Ercília Muylaert de Menezes, que contribuíram dando o seu melhor, mesmo diante das dificuldades e desvalorização do ensino da rede pública. Aos professores da UFF, não só agradeço, mas dedico também a todos vocês.

Aos meus interlocutores que abriram as portas de suas casas e me receberam dispostos a contribuir com a pesquisa. A Genuína, Tião, Laudo, Dedé, Onofre, Adão, Tunico, Carlinho, Iago, Ednardo, Teca, Rosa, Cecília, Vanice, Vanda, Dona Francisca, Graça, Luciana, Penha.

Ao Júlio César e a Beatriz por me receberem em sua casa durante a pesquisa realizada em Barra de São João.

Muito Obrigada!

RESUMO

O presente trabalho é um relato etnográfico sobre o ofício pesqueiro que tomou como base uma família de Gargaú, distrito de São Francisco de Itabapoana, município do litoral norte Rio de Janeiro. O principal objetivo da pesquisa é evidenciar as perspectivas de alguns de seus integrantes sobre a relação deles com a pesca artesanal e os motivos pelos quais eles resolveram permanecer, até os dias de hoje, associados à atividade. Os principais interlocutores deste empreendimento pertencem às gerações mais velhas da família, fato que possibilitou boas pistas para pensar este ofício numa séria temporal mais longa.

Palavras-chave: 1. Pesca artesanal. 2. Gargaú. 3. Família

ABSTRACT

This work is an ethnographic account of the artisanal fishing based on a Family from Gargaú – a village in São Francisco de Itabapoana – in the Rio de Janeiro north shore. The main objective is to highlight the point of view of some of its members on their relationship with the fishing until today. The interlocutors of this research belong to the older generations of the Family. Thus, it was possible to think engagement with the fishing craft from a long term perspective.

Key Words: 1) Artisanal Fishing; 2) Gargaú, Rio de Janeiro. 3) Family

Sumário

INTRODUÇÃO.....	09
1. OS DESAFIOS DE UMA PESQUISA “DOMÉSTICA” E O PALCO ETNOGRÁFICO..	11
1.1. O Objeto e os Desafios da Pesquisa Doméstica.	11
1.2. O palco: São Francisco de Itabapoana e Gargaú	16
2. ETNOGRAFIA DA PESCA ARTESANAL: SEUS PERSONAGENS, SEUS CONHECIMENTOS E SEUS FLUXOS.....	21
2.1. Dona Genuína: o início de tudo.	21
2.2. Churuminga: pai e pescador.....	24
2.3. Tio Laudo e a carteira assinada.....	32
2.4. Onofre e seu artesanato.....	33
2.5. Teca: a surpresa da prima pescadora!	37
2.6. O resultado do artesanato: o “Bar-Barco” em Búzios.	39
2.7. Família nuclear de Onofre: de Gargaú para Barra de São João.....	45
2.8. Uma manhã no mangue com Tio Dedé e Rosa.....	51
2.9. Tião, Vanice e Iago: O ofício em família e as modalidades de pesca.	68
2.10. A construção da bateira, ou como duas gerações trabalham juntas.....	79
3. REPENSANDO O CAMPO: BREVES REFLEXÕES E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS.	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um relato etnográfico sobre o ofício pesqueiro que tomou como base uma família de Gargaú, distrito de São Francisco de Itabapoana, município do litoral norte Rio de Janeiro. O principal objetivo da pesquisa foi evidenciar as perspectivas de alguns de seus integrantes sobre a relação deles com a pesca artesanal e os motivos pelos quais eles resolveram permanecer, até os dias de hoje, associados à atividade. Os principais interlocutores deste empreendimento pertencem às gerações mais velhas da família, fato que possibilitou boas pistas para pensar este ofício numa séria temporal mais longa.

Assim, a pesquisa aqui apresentada se insere num conjunto de trabalhos empíricos realizadas no litoral fluminense sobre atividade pesqueira, desempenhada por grupos sociais que vivem da captura de espécies aquáticas e do extrativismo e que, de acordo com os recentes debates políticos e jurídicos, tem sido reconhecidas como “povos tradicionais”. É de longa data o interesse das Ciências Sociais – e mais especificamente da Antropologia – pelos estudos empíricos e de caráter etnográfico sobre a vida social de pescadores de “beira de praia” e de “águas interiores” no estado do Rio de Janeiro.

Desde os trabalhos de Luiz de Castro Faria, sobre os pescadores de Ponta Grossa dos Fidalgos nos anos de 1940 e Arraial do Cabo na década seguinte, passando pelos trabalhos de Elina Pessanha, Luiz Fernando Dias Duarte, Roberto Kant de Lima, Marco Antonio da Silva Mello e Arno Vogel – todos realizados nos anos de 1970 em variadas localidades do estado do Rio de Janeiro – a pesca artesanal tem sido considerada como uma importante atividade através da qual podemos observar processos de mudança social e impactos de grandes empreendimentos sobre a vida social de famílias inteiras.

O texto que segue, neste sentido, se incorpora ao conjunto de trabalhos recentes realizados por jovens pesquisadores e pesquisadoras associados ao Núcleo de Estudos Antropológicos do Norte Fluminense Luiz de Castro Faria, o Neanf/UFF, coordenado pelo Prof. José Colaço, cuja uma de suas linhas de pesquisa é justamente “Estruturas Tradicionais, Meio Ambiente e Conflitos”.

A monografia foi organizada em três capítulos. O primeiro capítulo “*Os Desafios de uma “Pesquisa Doméstica” e o Palco Etnográfico*” está dividido em duas partes. Na primeira é apresentada a escolha do objeto de pesquisa e os desafios que já se mostravam presentes desde o início de uma pesquisa “doméstica”, uma vez que a família em questão é a família da própria autora. Na segunda parte o leitor é apresentado ao palco principal da pesquisa, Gargaú, São Francisco de Itabapoana, embora parte do trabalho de campo também tenha se desenvolvido em Barra de São João e em Búzios, devido à residência de alguns parentes nestas praias da Região dos Lagos do Rio de Janeiro.

No segundo capítulo “*Etnografia da Pesca Artesanal: Seus personagens, seus conhecimentos e seus fluxos*”, capítulo central desta monografia, a partir de um relato etnográfico, que remonta a trajetória da autora durante a realização do trabalho de campo, é apresentado ao leitor as histórias de vida de alguns membros desta família e sua associação à pesca artesanal. Na medida que as histórias são desfiadas, surge então, uma cuidadosa exposição dos conhecimentos naturalísticos dos pescadores e pescadoras da família – que vão desde habilidades para o trabalho manual para confecção de apetrechos de pesca e artesanatos em geral, até um vasto conhecimento das modalidades de pescaria utilizadas há décadas pelos mestres de ofício.

No terceiro e conclusivo capítulo “Repensando o Campo: Breves reflexões e algumas considerações finais” são apresentadas algumas reflexões sobre a escolha de seguir na pesca artesanal e o que isso representa na vida de quem segue esse ofício.

1. OS DESAFIOS DE UMA PESQUISA “DOMÉSTICA” E O PALCO ETNOGRÁFICO.

1.1. O Objeto e os Desafios da Pesquisa Doméstica.

Na busca de um tema para meu trabalho final, me deparei com uma grande dificuldade: sobre o que escrever? Em que área eu teria um interesse e familiaridade para desenvolver uma pesquisa? Sabia que para desenvolver um projeto tinha que ter uma relação com o assunto, tinha que ter afinidade e um interesse em falar sobre ele. Com o tempo passando minha preocupação aumentava. Até que em uma disciplina obrigatória do Curso de Ciências Sociais, Metodologia da Pesquisa, ministrada pelo professor José Colaço Dias Neto, fui despertando o interesse cada vez maior pelas suas aulas e textos que refletiam em sua maioria sobre a elaboração de pesquisas em diferentes situações. Além de sua didática, tais textos, alguns relacionados às suas próprias pesquisas, começaram a despertar meu interesse pelo tema que da Pesca Artesanal. Em seus debates em sala de aula, muitas vezes sabia do que estava falando e compreendia o que seus interlocutores colocavam em questão, pois venho de uma família cuja maioria dos parentes da geração anterior à minha levou a vida associada à economia pesqueira. Comecei a perceber, portanto que “ser pescador” não era apenas uma profissão como outra qualquer. Porém, só percebi isto no momento que entrei em contato com a literatura antropológica sobre o assunto.

Foi então, através de suas aulas e textos¹, que fui entendendo o tamanho de meu desconhecimento em relação à pesca artesanal que envolvia, além dos saberes passados de geração para geração, o reconhecimento de possuir um dom de artesão, do ponto de vista daqueles que o detém. Um pescador artesanal detém saberes sobre a pesca, de maneira mais ampla, além de conhecer com detalhes os ciclos da natureza, do comportamento e a da biologia das espécies aquáticas. Muitos pescadores também constroem seus próprios instrumentos de pesca, constituindo-se assim como *experts* na atividade – verdadeiros artesões.

Apesar de ser filha de pescador nunca me interessei em saber a fundo sobre a profissão e o que girava a sua volta. Foi quando no final de uma das aulas, parei para falar com o professor que tinha um interesse no tema. Expliquei de uma maneira breve, pois aula já havia terminado e não queria tomar muito de seu tempo.

Conversei com o professor José Colaço que a maioria da minha família era de pescadores. Conteí-lhe que alguns parentes continuaram na atividade e que outros tomaram caminhos profissionais diferentes, mas no geral, a maioria estava ligada direta ou indiretamente à pesca artesanal. Foi quando ele me sugeriu a desenvolver uma pesquisa sobre as percepções da antiga e da nova geração de minha família sobre a pesca artesanal. Foi quando me dei conta de que estava se desenhando ali um objeto de pesquisa “caseiro”, mas que não por isso seria de fácil condução – tal como a etnografia apresentada adiante tentará mostrar. A proximidade com o objeto ao mesmo tempo se confundia com as relações de minha própria família também foi uma entrada importante para a pesquisa de campo em relativo pouco tempo.

Achei que seria desafiador um trabalho desenvolvido tendo como interlocutores minha avó, pais, tios e primos. Sabia que não seria fácil manter a distância necessária e ter um olhar de pesquisadora sobre eles. Em uma das aulas de Metodologia foi recomendada a leitura da dissertação de mestrado de Juliana Blasi Cunha². Ao analisar as formas de sociabilidade no balneário de Atafona, e tendo sua avó como uma de suas interlocutoras, a pesquisadora relatou

¹ Alguns dos quais recomendados para além dos textos da disciplina, configurando, portanto, uma relação de orientação que veio se consolidar, no âmbito do NEANF/UFF, no Projeto de Iniciação Científica que resultou esta monografia.

² Juliana Blasi Cunha apresentou sua dissertação ao programa de pós-graduação em Antropologia, do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia ICHF - da Universidade Federal Fluminense UFF, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Antropologia em 2007, intitulada Atafona: Formas de Sociabilidade de um Balneário na Região Norte-Fluminense.

o quanto foi difícil escrever sobre algo que lhe era tão próximo e familiar. Mesmo já tendo lido seu trabalho e sabendo que me esperava, decidi seguir em frente tendo como objeto de estudo – a peça artesanal em família – e tendo como interlocutores pais, tios, tias e primos que exercem a profissão.

Mesmo antes de iniciar a matéria Monografia I – que se trata da confecção de um projeto de pesquisa – eu já me encontrava, portanto, sob a orientação do professor José Colaço e participando das reuniões do Núcleo de Estudos Antropológicos do Norte Fluminense Luiz de Castro Faria, o Neanf/UFF. Neste sentido, já havia iniciado o trabalho de campo realizando entrevistas exploratórias com membros de minha família além de alguns registros fotográficos de barcos e apetrechos de pesca. As experiências vividas neste campo exploratório eram compartilhadas com outros colegas de curso e professores associados ao Neanf que também frequentavam as reuniões do grupo.

Vale ressaltar que conversar sobre o tema da pesca com minha família e tirar fotografias de armadilhas, redes e barcos, causou estranheza em alguns, pois como disse, eu nunca havia me interessado muito pelo universo da pesca artesanal. Comecei com minha avó Genuína para colher informações, mesmo um pouco envergonhada nossos diálogos foram bem sucedidos. Depois foi a vez do meu pai, passando por tios e até alguns primos – no caso destes últimos, pela grande quantidade e por estarem residindo em diversos lugares, tive alguma dificuldade de acessá-los.

Resido em Campos dos Goytacazes embora minha família seja oriunda do município de São Francisco de Itabapoana³, morando, em sua maioria, no distrito de Gargaú⁴. Assim, eu teria que estar com mais frequência em Gargaú para desenvolver essa pesquisa. Minha carga horária no trabalho⁵ e a presença na faculdade no turno da noite fizeram com que eu só tivesse os finais de semana para desenvolver a pesquisa de campo com a minha família em Gargaú. Resolvi, portanto, de acordo com meu orientador, investir mais um semestre no trabalho de campo, ainda que isso retardasse minha formatura no bacharelado em Ciências Sociais.

Decidi então me dedicar exclusivamente à faculdade e em especial à pesquisa etnográfica, abrindo mão até mesmo de meu trabalho. Passei, dessa forma, a ir para Gargaú com mais frequência para observar a atividade pesqueira do pondo de vista de meus

³Município situado na região Norte Fluminense, a 50,7 Km de Campos dos Goytacazes.

⁴Distrito de município de São Francisco de Itabapoana, a 64,5 km de Campos dos Goytacazes

⁵Trabalhava, até então, como recepcionista no Hospital dos Plantadores de Cana, em Campos dos Goytacazes, com carga horária de 44 horas semanais.

familiares com mais profundidade e proximidade. Consegui, portanto, ficar períodos mais longos em Gargaú com o intuito de acompanhar o dia a dia de meus familiares ligados à pesca, bem como observar como organizam sua vida com o dinheiro que ganham em seus dias incertos de pescaria.

Passei ao todo, cerca de três meses e meio em Gargaú para desenvolver parte desta pesquisa. Durante esse período realizei idas pontuais e de curta duração, com no máximo três dias a Campos dos Goytacazes. Além disso, me ausentei da pesquisa por oito dias, quando acompanhei meu marido em uma viagem. No período mais intensivo de trabalho de campo, registrei o cotidiano com fotos, participei com eles de seus dias de pesca de trabalho na pesca e experimentei a captura de caranguejo no mangue onde pude refinar meu olhar sobre a profissão e ver as particularidades de cada atividade desenvolvida por cada um deles. Durante o desenvolvimento do trabalho de campo, percebi que seria difícil conversar com membros de diferentes gerações de minha família. Por um lado, porque, como já mencionado, no caso dos membros de minha geração – primos e irmãos – não se encontram mais residindo em São Francisco. Além disso, como são em grande quantidade, como é possível ver na árvore genealógica da família de Genuína. Ao todo são: treze filhos e trinta e cinco netos.



Figura -1. Árvore genealógica da família de Genuína.

Fonte: (www.myheritage.com.br)

Como será apresentado, neste texto, a minha permanência em São Francisco – sobretudo o período de pesquisa mais intensivo – fez com que eu me aproximasse das gerações mais velhas, à saber, avó, pais, tios e tias.

Dessa forma, consegui me engajar nas atividades relacionadas à pesca artesanal e à captura de caranguejo – uma vez que alguns membros foram extremamente solícitos em participar da investigação – mas, ao mesmo tempo, não tive como contrastar as percepções sobre a atividade pesqueira entre as duas gerações: jovens/adultos e velhos. Isso fez com que direcionássemos o foco da pesquisa para a percepção que os familiares mais velhos tem da atividade profissional e para os motivos de sua permanência nela – o que não aconteceu com a maioria dos membros das gerações mais novas, embora eles não tenham se configurado como interlocutores diretos da pesquisa.

O leitor tem em mãos, portanto, um *relato* desta experiência de campo, incluindo os limites e as dificuldades da realização de uma pesquisa “doméstica”. A seguir, antes da apresentação do material etnográfico, descreverei o palco no qual a maior parte da pesquisa se desenvolveu: o município de São Francisco do Itabapoana, na costa do norte fluminense, mais precisamente na Praia de Gargaú.

1.2. O palco: São Francisco de Itabapoana e Gargaú

Localizado no Norte Fluminense do estado do Rio de Janeiro, São Francisco de Itabapoana nasceu do território antigo do município de São João da Barra. Localizado entre a foz dos rios Paraíba do Sul e Itabapoana, na divisa com o estado do Espírito Santo, o município teve sua origem em 1995, quando obteve autonomia através de sua emancipação política pela lei estadual nº 2379, de 10-01-1995 segundo o (IBGE).

Ocupando uma área de 1.122.146 km², segundo o Censo Demográfico 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), São Francisco de Itabapoana é o quinto maior município do estado do Rio de Janeiro em extensão territorial. De acordo com o mesmo estudo, a população em 2010 era de 41.354 habitantes, totalizando uma densidade demográfica de 36,84 habitantes por km².

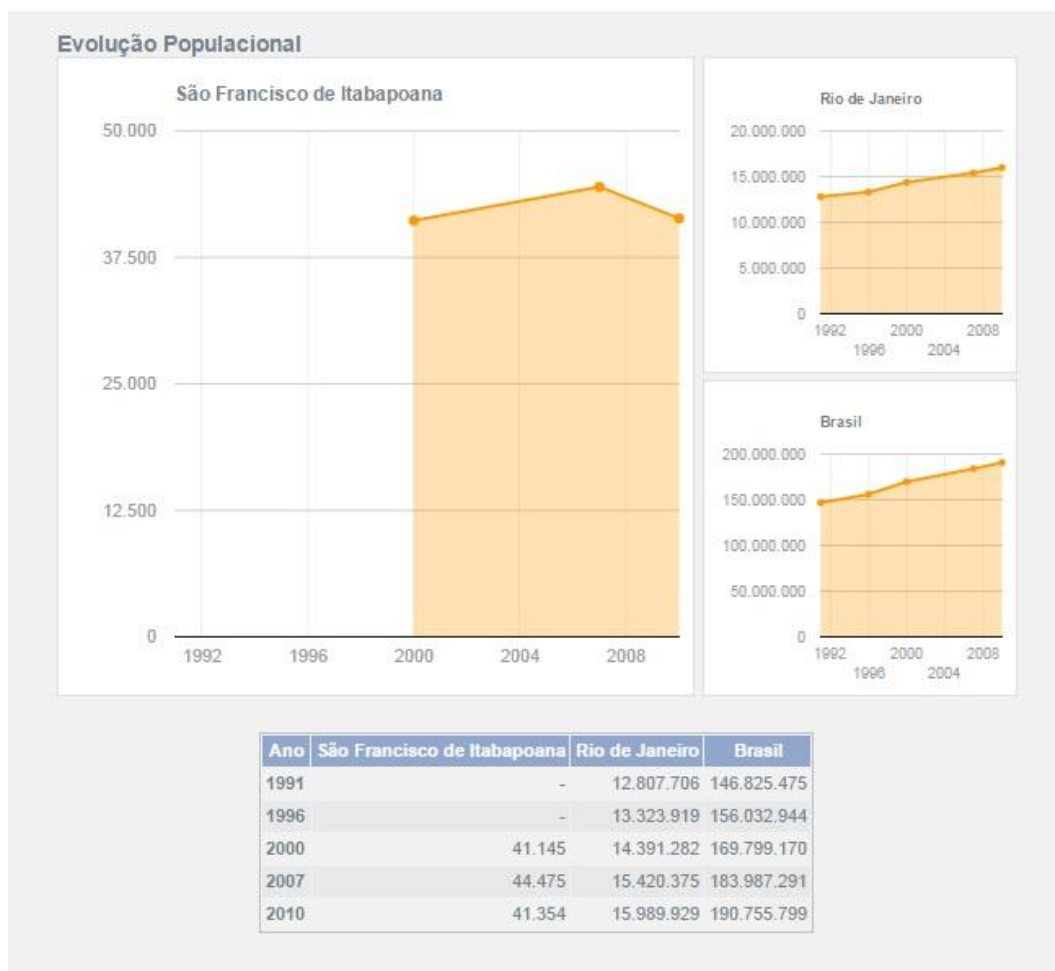


Figura 2 – Evolução populacional de São Francisco de Itabapoana de 1991 a 2010.

Fonte: IBGE 2016.

A agricultura, através do cultivo de cana de açúcar, abacaxi e maracujá, forma parte da fonte de renda da população sãofranciscana. A pecuária também contribui com sua parcela, que recebe um bom auxílio do turismo durante o verão. Esse fato se deve ao belo e extenso litoral do município que, com cerca de 62quilômetros de extensão, possui balneários conhecidos pelas águas calmas e pela receptividade de seu povo, como Gargaú, Santa Clara, Guaxindiba, Manguinhos e Lagoa Doce.

Por ser banhado pelo Oceano Atlântico e possuir diversos rios, riachos e lagoas a atividade pesqueira constitui uma importante fonte de renda para o município. Com muitos pescadores cadastrados na Colônia de Pescadores Z1 e inúmeros vivendo na informalidade, os pescadores representam boa parte da renda de São Francisco.

A pesca artesanal no município é bastante difundida pela quantidade de rios e a importância destes para a região. O principal deles é o Paraíba do Sul, um rio muito extenso e

rico em diversidade de espécies, que nasce na Serra da Bocaina, no estado de São Paulo e sua foz é no Oceano Atlântico, na cidade de São João da Barra, passando antes por Gargaú.

Outra importante característica da formação geológica de São Francisco que estimulou a prática da pesca artesanal na região é o extenso manguezal que se expande pelo município.

Nesse ponto se destaca a praia de Gargaú, ponto de partida para a pesquisa. A pequena localidade é geograficamente privilegiada para a atividade pesqueira, pois é banhado pelo Oceano Atlântico, pelo Rio Paraíba do Sul e, além disso, possui diversas lagoas e riachos.

Gargaú está localizada na margem esquerda da foz do Rio Paraíba do Sul. Entre os braços do rio que formam o maior manguezal do estado do Rio de Janeiro, as lagoas e o mar Atlântico, a pesca e a cata tornaram-se a principal atividade da população local, sendo a base da economia do assentamento, somada ao turismo nas temporadas de verão. [...] O *modus vivendi* dos gargauenses remonta às características das chamadas populações tradicionais, o que significa que suas interações com o tempo e com o espaço diferem, em parte, dos cânones modernos. O veio tradicional da vida em Gargaú perpassa, fundamentalmente, a relação dos pescadores e dos catadores com o espaço – a natureza como fonte de sua produção direta – e com o tempo – a associação entre ritmos naturais e ritmos sociais. (HUGUENIN, 2006, p. 51)⁸

⁸Fernanda Pacheco da Silva Huguenin apresentou sua dissertação ao programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense-UENF, como parte dos requisitos exigidos para obtenção de grau de Mestre em Políticas Sociais em 2006, intitulada *Desastres Ambientais no Rio Paraíba do Sul do Ponto de Vista dos Pescadores de Gargaú: Dramas e 'Ofensas' para uma Antropologia Política*.

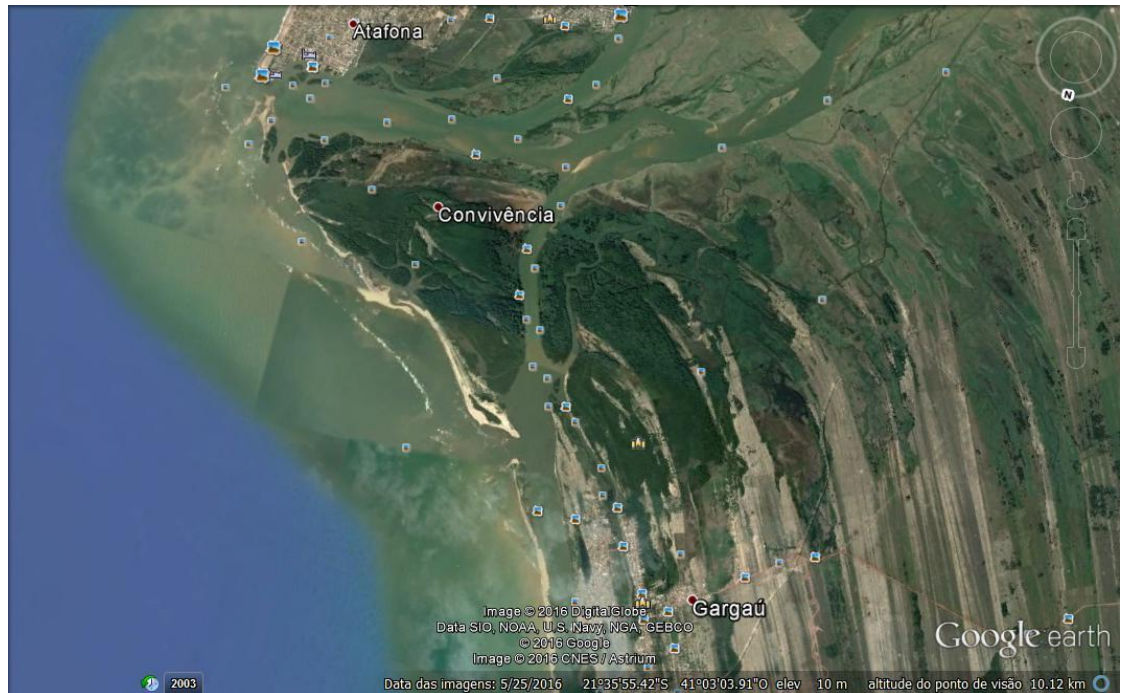


Figura 3 - Imagem de Satélitede Gargaú sendo banhado pelo Oceano Atlântico e Rio Paraíba do Sul.
Fonte: Google Earth, junho de 2016.

2. ETNOGRAFIA DA PESCA ARTESANAL: SEUS PERSONAGENS, SEUS CONHECIMENTOS E SEUS FLUXOS.

2.1. Dona Genuína: o início de tudo.

Para dar início ao trabalho de campo realizado com minha família –família esta cujas gerações mais antigas, à saber, mais pais, tios, tias e avós vivem ou viveram da pesca artesanal – realizei, antes de tudo, uma *observação flutuante*⁹acompanhando as conversas mais corriqueiras sobre o assunto. Em Gargaú, observei como era o fluxo de barcos que saíam do “buraco fundo”– localidade que será descrita à frente –para o dia de trabalho. Acompanhei partidas e chegadas tanto de embarcações maiores que seguiam para o mar, comodas menores que seguiam para as águas doces e mangues na região. No início da pesquisa, só tive a oportunidade de realizar trabalho de campo em Gargaú nos finais de semana, período no qual muitos pescadores que estavam chegando de dias de trabalho ininterruptos no mar paravam suas atividades para o descanso e diversão. Gargaú pode ser definida como um aldeamento pequeno onde todos se conhecem. Para aqueles que gostam tem inúmeros bares espalhados para ouvir uma musica, tomar cerveja gelada e comer um “tira gosto”. Aos domingos é possível dançar forró à noite na cabana do Clarismar– lugar de encontro para o lazer frequentado por moradores locais, tal como me recorde desde os tempos de criança.

O Buraco Fundo é o local onde encontramos as peixarias etambém as embarcações que atracam e descarregam toneladas de peixe. Algumas casas e peixarias foram construídas rentes à maré, por onde saem e chegam as embarcações, facilitando o recebimento dopescado.

⁹ Inspiradas nas recomendações da antropóloga francesa ColettePétonnet, que se caracterizam por observações mais “errantes” e distanciadas que não precisam necessariamente de uma interlocução direta com um “nativo” ou sujeito de pesquisa. Conversas entre grupos, o ir e vir das pessoas, indivíduos realizando pequenas ações cotidianas, são alguns exemplos tomados pela autora. PÉTONNET, Colette. Observação Flutuante: O exemplo de um cemitério parisiense. In: Revista Antropolítica n. 25 (2), Niterói, 2008.

Lá, as pessoas, na maioria pescadores, jogam baralho, conversam nas calçadas, tecem e consertam redes, atualizando, dessa forma, a rede de relações e de convívio social onde todos se conhecem. São amigos de trabalho e toda vida em Gargaú, na qual o epicentro é a atividade pesqueira.



Figura 4–Canal de Gargaú. Barco de pesca saindo para o mar
Fonte:Graziéli,2015.

Após as primeiras observações da dinâmica do Buraco Fundo resolvi então começar a me aproximar mais da história de minha família para entender a associação entre os membros mais velhos e a pesca artesanal. Comecei então por minha avó Genuína, hoje com 90 anos e mãe de 15 filhos. Assim como a maioria das pessoas, conheço parte da história de minha família, mas não conhecia, com profundidade, esta história contada em consórcio com a atividade pesqueira. Na primeira conversa com minha avó, comecei explicando que era um trabalho de conclusão de curso da faculdade e que nesse trabalho falaria sobre a pesca artesanal em uma família tradicional de Gargaú. Em seguida, revelei que a família em questão – o “objeto de análise” – era nosso próprio grupo familiar. Logo no início cometi o primeiro erro da pesquisa: levei meu telefone celular para gravar a conversa. Ao saber que estava gravando, percebi que ela ficou envergonhada em me contar sua história e de nossa família. Fui então, aos poucos, tentando colher algumas informações com o gravador desligado. Entre elas tentei entender como foi que ela tinha vindo morar em Gargaú já que nasceu em São Fidélis e sua família era de Cardoso Moreira. Viúva do primeiro casamento e sem filhos, Genuína se casou novamente, agora com Coriolano, e tiveram 15 filhos – dois deles nasceram mortos. Seu pai foi quem comprou o terreno no qual reside em Gargaú e deu para

que ela morasse e pudesse criar seus filhos¹⁰. Seus filhos cresceram e com o tempo foram ganhando apelidos pelos quais são conhecidos no local até hoje. É comum que em lugares as pessoas serem conhecidas pelos apelidos. Algumas vezes quando procuradas pelo nome de batismo não são encontradas¹¹. Tratarei aqui de descrever os nomes e apelidos para que no decorrer do texto possamos identificar de qual filho de Genuína estamos falando. José Carlos Soares (Carlinhos), Jorge Augusto Soares (Augustinho), Manoel Onofre Soares (Onofre), Maria das Neves Soares (Naza), Maria do Carmo Soares (faleceu aos três anos de idade de leucemia) Maria das Graças Soares (Graça), José Geraldo Soares (Laudó), Amaro Jorge Soares (Tunico), Benedito Roberto Soares (Churuminga), Maria da Penha Soares (Dadá), falecida há a mais de um ano, Adão Salvador Soares (Adão), Sebastião Francisco Soares (Tião), Conceição Aparecida Soares (Cida).

Ao chegar a Gargaú meu avô Coriolano no ano de 1953 montou uma serraria manual na qual comprava torras da madeira e as preparava para a venda. O trabalho de serrar e preparar a madeira era feito de forma manual, pois não existia luz elétrica e nem mesmo ferramentas que facilitavam o trabalho como existe nos dias atuais. Sempre que precisavam de algo que não tinha na localidade, como atendimento médico, por exemplo, eles seguiam para São João da Barra de pequenas embarcações como a bateira, pois não havia grandes embarcações como hoje. Então, atravessavam o Rio Paraíba em busca do que não tinham onde moravam.

Não sendo o mercado de madeiras algo de grande demanda, meu avô teve de buscar alternativas para complementar a renda, uma vez que a família crescia. Foi então que encontrou na pesca artesanal a renda extra que precisava. Tanto no trabalho com a madeira como na pesca, seus filhos estavam sempre presentes ajudando no que fosse preciso. Todos os filhos homens que são oito ao todo, começaram a trabalhar muito cedo na serraria e na pesca. Todos frequentaram a escola durante um curto período apenas para aprender o mínimo da leitura e a escrever seu nome. Depois disso saíam para ajudar na renda

¹⁰Genuína veio morar em Gargaú com 20 anos, onde mora até hoje com seus 90 anos. Antigamente as mulheres não tinham muito o costume de sair de suas casas, passavam o dia lavando roupa para fora, cortando tabua para fazer esteira, limpavam e salgavam o peixe para serem vendidos na feira que acontecia toda semana no barracão entre outras atividades. Hoje Genuína só sai de casa para ir ao médico, até alguns poucos anos atrás ela não conhecia mais Gargaú, não sabia mais como era a praia, os bairros e ao andar de carro para “conhecer” Gargaú não sabia identificar onde estava. Foram muitas mudanças que Genuína não acompanhou.

¹¹ Os apelidos são comuns em povoados de pescadores, tanto no litoral fluminense como fora dele, tal como pode ser observado em Zacarias, aldeia de pescadores em Maricá (MELLO & VOGEL: 2004), e na Carrasqueira, aldeia de pescadores e agricultores na costa portuguesa (COLAÇO: 2015).

familiar¹². Poucos foram os que permaneceram mais tempo na escola. Como não havia luz elétrica, também não tinha a geladeira, então logo que chegava da pescaria, Genuína limpava e salgava o pescado para conservá-lo por mais tempo, podendo ser consumido no decorrer da semana, vendido na feira, ou para ser trocado por outra mercadoria que a família estivesse precisando. A feira acontecia aos sábados e era conhecida em toda a região. Recebia comerciantes de Campos dos Goytacazes, São João da Barra e de todo interior de São Francisco de Itabapoana. Ainda segundo informações de interlocutores, na feira encontrava-se de tudo. Lá havia feijão, café, farinha de mandioca – muito tradicional na região – tapioca, frutas, carne salgada, peixe salgado e o peixe fresco junto com outros frutos do mar, galinhas, ovos, animais de corte e de leite, animais para trabalho leve e pesado, entre outras coisas. A conhecida Feira de Gargaú, descrita por Genuína, foi registrada no almanaque *Tipos e Aspectos do Brasil*, conhecida publicação do IBGE, devido à sua importância para a economia local¹³.

Por sua vez, Genuína era responsável pelos trabalhos da casa. Além de “lavar roupa para fora”, limpava e salgava os peixes. Os homens da casa ao acompanharem Coriolano no trabalho com a madeira e na pesca, seguiram então desenvolvendo cada vez com mais habilidade essas atividades. Assim, aos poucos, a pesca foi passando de uma complementação de renda para atividade principal da família. Os filhos seguiram na pesca aperfeiçoando suas técnicas e desenvolvendo outras, cada um desenvolvendo mais afinidade por esta ou aquela, conforme será descrito mais à frente. Na medida em que iam crescendo e casando, os filhos levavam a atividade da pesca artesanal como principal fonte de renda para manter sua nova família. Foi assim que os filhos aprenderam o ofício da pesca artesanal e a confeccionar seus instrumentos de trabalho, tanto para seu uso, como para vender para outros pescadores. Aprenderam, também, a construir embarcações de pequeno porte.

2.2. Churuminga: pai e pescador.

Após acessar as origens da família, a partir da chegada de Genuína em São Francisco, era hora de começar as entrevistas com tios e primos, ou seja, os filhos e netos

¹² Dos seus quinze filhos, somente Maria da Penha Soares completou os estudos naquela época. Um conhecido da família a levou para estudar em um colégio de freiras em Campos dos Goytacazes. Os outros que puderam levar os estudos mais adiante foi porque voltaram a estudar depois que já haviam constituído família.

¹³ IBGE: 1963.

dela. Comecei pelo meu pai, o Churuminga. Como ele sempre gostou muito de conversar e de contar suas “historias de pescador”, então fui fazer a entrevista na esperança de que tudo correria bem e sem muitos imprevistos. Assim como tinha feito com Genuína, expliquei para o que seriam aquelas informações que estavam sendo colhidas e sobre o que se tratava o trabalho¹⁴. Ele ficou muito entusiasmado com a ideia de poder contar para alguém suas histórias, falar de seu falecido pai, dos seus aprendizados na pesca e das técnicas dominadas por ele. Assim como os outros irmãos ficou pouco tempo na escola e começou a trabalhar muito cedo.

Com oito anos de idade, segundo ele, já acompanhava seu pai na serraria e na pesca que eram as atividades desenvolvidas por eles. Quando a venda de madeiras estava difícil, eles retornavam a pesca ou, quando era possível, eles conciliavam os dois. Aprendeu a fazer bateira— embarcações de pequeno porte tal como será descrito mais à frente —, remos e depois de um tempo passou a trabalhar com seu irmão Onofre no estaleiro naval onde também aprendeu a construir embarcações de grande porte. Esses projetos eram feitos por encomenda. Essas embarcações de pequeno porte são utilizadas até os dias de hoje por pescadores para ir ao brejo, ao mangue, às lagoas e aos rios, ambientes muito propícios para a pesca. Os barcos feitos para a pesca no mar eram de grande porte. Com a madeira ele aprendeu a fazer diversos trabalhos, além das embarcações e remos. Também construía as “ratoeiras de guaiamum”, reboques de carros, fazia suas charretes para andar com as crianças pela rua. (suas charretes eram trabalhadas e coloridas, tendo a frente delas para puxá-las os bodes), sabia fazer o engradamento para telhado de casas, portões para residências, entre outras coisas.

As atividades desenvolvidas por ele iam sempre se intercalando com a pesca. Também trabalhou para outras pessoas mais nunca teve sua carteira de trabalho assinada. Já trabalhou em bar, em casas cuidando de animais e plantas, trabalhou em peixaria, entre outros. Na peixaria, por exemplo, era ele o responsável pelo pescado que chegava, bem como pela pesagem do e acerto do valor a ser pago por cada espécie. Também era responsável pela venda do pescado para o consumidor, pelo acerto de contas com o proprietário e pela efetuação de pagamentos dos pescadores e dos demais funcionários que ali trabalhavam limpando os peixes — tais como as descascadoras de camarão — e do pessoal de atendimento.

¹⁴ Expliquei o que era o trabalho para que todos meus interlocutores se sentissem à vontade e tivessem confiança ao falar comigo. Era importante essa relação de confiança para os dois lados.

Ao tentar saber mais sobre esses outros trabalhos em que teve durante períodos da sua vida, pude notar tamanha preocupação em falar sobre o assunto e cuidado redobrado com as palavras, em que sempre dizia “coloca assim, da maneira que eu estou falando”. Churuminga se mostrou preocupado ao falar sobre outras ocupações ao longo de sua vida. Sua preocupação ou seu medo era de que esse trabalho contando partede sua trajetória pudesse atrapalhar ou prejudicar sua aposentadoria futura¹⁵. Mas, como isso poderia ocorrer, eu perguntei? Ele respondeu, caso alguém alegue – e prove – que ele não poderia se aposentar como pescador porque não exerceu essa profissão durante toda sua vida, já que é cadastrado no Ministério do Trabalho e Renda, pela Colônia de Pescadores Z1 há treze anos, mantendo em dia o pagamento da anuidade de seu cadastro. Mas Churuminga, em certo momento da conversa disse com firmeza: *“Um pescador, ele não pode ser só pescador. Ele tem que ter várias profissões. Entender de muitas coisas, porque tem semana que a natureza da, mas têm outras que não.”*

Então tentei explicar, que estas ocupações foram antes de seu cadastro na Colônia de Pescadores Z1 e que mesmo tendo essa renda ele não deixava de pescar. O que não desqualificaria sua atividade na pesca durante anos de sua vida.

Realmente não sei se consegui tranquilizá-lo. Ao longo de sua vida desempenhou muitas atividades que estavam fora da área da pesca: trabalhou em uma oficina de bicicletas, teve abatedouro, criou e vendeu cabritos, vendeu roupas e outros objetos por todo o interior de São Francisco de Itabapoana, montava barracas para vender bebidas e churrasquinhos no período do Carnaval e em rodeios e, por último, mas não menos importante, suas barganhas feitas em casa, e nas suas “andanças” pelos sertões de São Francisco e nos acampamentos de ciganos.

Entre todas as atividades desenvolvidas por Churuminga e sua esposa – Alda – eram poucas aquelas em que os filhos estavam presentes ajudando. Alda além de acompanhar meu pai na pesca e em barracas colocadas por eles para trabalharem, durante muitos anos ela trabalhou em “casa de família” sem ter carteira assinada e seus direitos garantidos. A única atividade que me recordo onde todos participavam era no abatedouro de frangos, onde meu

¹⁵ Pelas regras antigas, para ter a carteira de Pescador Artesanal Profissional era necessário um regime de dedicação exclusiva à atividade. Ou seja, um pescador profissional reconhecido juridicamente como tal, não poderia acumular outras ocupações profissionais com carteira assinada – pois isto inviabilizaria certos direitos, entre eles a aposentadoria. No entanto, desde 2011, o regime mudou e as regras de inscrição profissional ganharam mais complexidade com a criação do Registro Geral de Pesca, à época associado à Secretaria Nacional de Pesca e Aquicultura.

pai matava e depenava, minha mãe limpava com minhas duas irmãs e eu e meu irmão mais novo ficávamos responsáveis pela anotação do peso. Outra atividade onde todos permaneciam juntos eram barracas colocadas por eles em eventos e que acompanhávamos porque os filhos mais novos não tinham com quem ficar.

Meu pai estudou até a segunda série e minha mãe não chegou a frequentar a escola. Mesmo assim, isso não foi impedimento para deixar de fazer muitas coisas, como trabalhar em cidade grande, de pegar ônibus e conhecer o número de telefone de cada filho ao receber ligações. Sempre ajudando em casa, Alda trabalhou como cortadora de cana, descascadora de camarão, fazia esteiras, foi também empregada doméstica – conforme mencionado – cozinheira, babá, fazia artesanato de bonecas e chaveiros, foi vendedora em praias da região, pescava com meu pai e atualmente tem um pequeno comércio.

Hoje Churuminga e Alda reduziram suas idas ao brejo devido a problemas de saúde. Os anos de trabalho dedicados à pesca fizeram com que se desenvolvesse um câncer de pele. Hoje ele está orientado pelo seu médico a não poder mais passar horas exposto ao sol, tendo ele já sido operado mais de seis vezes do mesmo problema e Alda também com problemas de saúde não podendo estar exposta ao sereno e em contato com água fria das madrugadas de pesca.

Como já havia mencionado, a pesca artesanal é ou já foi a principal atividade desenvolvida pelos meus tios e também pelo Churuminga. Acompanhei desde muito nova a preparação do material da pesca que meu pai fazia antes de ir para o brejo ou rio onde pescava. Na maioria das vezes ele mesmo confeccionava seus instrumentos de pesca, suas redes, suas boias com anzóis, tarrafas e puçás.

Estávamos sempre ali ouvindo suas histórias de pescador e com elas, as curiosidades que surgiam. Mas Churuminga nunca fez questão de incentivar nenhum de seus filhos a seguirem seus passos. Para ele, foi assim porque não teve oportunidade de estudar, mas sempre muito rigoroso com seus filhos, explicava que aquela era uma profissão de incertezas, de dias bons e dias ruins sem a garantia de uma renda fixa. Assim, sempre orientou seus filhos para os estudos e dizia o seguinte: *“Vocês só serão alguém na vida, se estudarem. É a única coisa que ninguém pode tirar de vocês, e que vocês vão levar para o resto da vida”*.

Sempre enfatizou que a vida que teve não era a que desejava para seus filhos, por conta de todas as dificuldades: noites nos brejos, pegando sereno e os dias debaixo de sol e chuva.

Também nunca deixou que trabalhássemos enquanto estávamos estudando. Lembro-me somente uma vez em que meu pai levou meu irmão para pescar. Era carnaval e meu irmão adolescente, naquela fase de sair com os amigos e curtir carnaval. Meu pai estava sem dinheiro para dar-lhe os quatro dias de carnaval então falou para meu irmão se ele quisesse dinheiro, ele podia ir pescar com ele. Um dia de pescaria seria do meu pai e outro dele e assim ele fez. Foi a única vez que me lembro de meu pai levando um filho para pescar.

Ele não ensinou o ofício para seus filhos e seus filhos também não demonstravam interesse pela profissão. Cresci achando que a pescaria era uma profissão que não conseguiria o devido reconhecimento, não tinha valor, viveria a vida inteira as margens da sociedade. Quando ouvia meu pai falar sobre o caminho que seguiu, enxergava como sendo algo que não teve alternativa por não ter tido a oportunidade de seguir com os estudos. O que eu não conseguia enxergar, no entanto, é que em momento algum ele se queixou de trajetória como pescador. Deixava explícito que não era uma vida fácil, mais tinha orgulho de ter conquistado o que tem hoje com seu trabalho na pescaria. Ele nunca teve vergonha do que fazia para sustentar sua família. Sempre teve muito orgulho do que conseguiu construir sendo um pescador graças ao ofício que seu pai lhe ensinou. Ele fala da vida e da fé que tem em Deus, do quanto foi difícil criar e educar seus filhos com a vida de pesca, barganhas e de tantas outras atividades desenvolvida por ele.

Churuminga seguiu o caminho da pesca segundo ele por ter pouco estudo, mas no meu caso eu não tinha que trabalhar para ajudar na renda da casa, nem eu e nem meus irmãos Aline e William. A meu ver a alguns anos atrás, se seguisse na pesca teria fracassado, pois tive a oportunidade de estudar até onde meus pais tiveram condições de levar. Mas não era só eu quem era limitada de pensar a esse ponto. Ao frequentar a escola tive uma professora que sempre dizia na sala de aula *“sei um por um aqui quem vai ser alguém na vida e aqueles que vão morrer pescando e descascando camarão”*. Ela olhava para nós e só faltava apontar. Com toda limitação que tinha, não entendia o porquê da necessidade de uma professora pensar e se expressar assim. Hoje tendo lido tantos trabalhos que falam da pesca, bem como me aproximado da história de minha própria família, e vejo que ser um pescador pode ir muito além destas impressões preconceituosas e superficiais. É fato que não é uma vida fácil, mas é também verdade que a profissão não é seguida só por falta de escolha. Ao começar a pesquisa e a observar conversas de pescadores por onde andei pude testemunhar que muitos amam o que fazem e não fariam outra coisa a não ser pescar.

Acredito que Churuminga nunca nos incentivou porque é uma vida muito dura, e não pelo fato de “viver as margens da sociedade” como eu pensava e de não ser reconhecido. Seus filhos seguiram passos diferentes dos seus, com mais oportunidade de estudo os três seguem com o conselho de seu pai. Aline sua filha mais velha trabalhou durante nove anos como instrumentadora cirúrgica (sem carteira assinada) e hoje é farmacêutica. Eu trabalhei em comercio, escritório e hospital e hoje estou terminando minha graduação de bacharel em Ciências Sociais e William o mais novo trabalha como auxiliar de almoxarifado.

O trabalho de campo e as primeiras conversas dirigidas com membros de minha família sobre o assunto da pesca me fizeram compreender mais profundamente sua complexidade: hoje acredito que “ser um pescador artesanal” é possuir um dom. Além de dominar as técnicas de pesca, é necessário ser detentor de conhecimentos sobre os animais e o ambiente, tal qual um artesão no desempenho de seu ofício em todas as dimensões que o constituem. É, portanto, aquele que tem aptidão para manejar as técnicas de pesca, interpretar os sinais da natureza – tais como ventos, as fases da lua e sua influência nas marés. É ter como um “patrão” as águas que os guiam para em busca de seu sustento, deixando em casa sua família e levando a Fé que os move para que possam retornar as suas casas.

Aqui descreverei algumas das modalidades de pesca praticadas por Churuminga, de acordo com nossas conversas e com que me foi possível observar durante o trabalho de campo.



Figuras 5, 6 e 7–Churuminga iscando bóia e as colocando no valão para correr no dia seguinte.

Fonte: Graziéli, 2016.

A pesca de bóia é feita com um anzol, linha nylon e um pedaço de isopor¹⁶. Para essa modalidade de pesca é necessário antes jogar a tarrafa para pegar as iscas. As iscas são piabas, sairús ou mesmo tilápias colocadas nos anzóis. Quando é pequena pode ser colocada inteira e quando o peixe está maior, ele é cortado e colocado no anzol. Nas fotos acima é possível ver o momento em que Churuminga está colocando a isca no anzol, depois da isca colocada e na terceira foto ele jogando a bóia para retirar no outro dia.

Para esse tipo de pesca, ele usa um instrumento para ajudar a retirar o peixe da água e impedir que ao se soltar do anzol ele o perca.



Figuras 8 e 9—Churuminga com o sarrico de pesca.

Fonte: Graziéli, 2016.

Além do sarrico que auxilia na pesca, ele também fazia a pesca de barranco com o auxílio do jereré.

¹⁶ A pesca de anzol de bóia é uma técnica bastante comum na região norte fluminense, praticada, sobretudo, em rios e lagoas. Uma etnografia cuidadosa de seu engenho pode ser encontrada em COLAÇO:2015, tal como praticada na Lagoa Feia pelos pescadores de Ponta Grossa dos Fidalgos.



Figuras 10 e 11—Churuminga explicando como é feita a pesca com o jereré.

Fonte:Graziéli, 2016

O jereré é feito com um vergalhão e tem um saco como o sarrico. A diferença é que o sarrico é só para ajudar a retirar o peixe da água e ele é para pescar em barranco. Olhando a primeira foto é possível observar que a parte que está na areia não é de vergalhão. É uma corda, onde é esse lado que é levado para baixo do barranco capturando o peixe. É a parte flexível podendo o pescador movimentar melhor o instrumento, ficando o peixe preso nesse saco.

Outro instrumento de pesca utilizado por ele é o Juquiá¹⁷.



Figura 12 - Juquiá

Fonte:Graziéli, 2016

¹⁷ O Juquiá é um instrumento de captura muito importante na região. Como parte da costa do norte fluminense é constituída por restingas e baixadas alagadas, o instrumento se torna quase indispensável para a prática de pesca nestes ambientes. O Prof. Luiz de Castro Faria em seu trabalho inédito sobre os pescadores da Lagoa Feia, não só fez importante menção ao uso do Juquiá como também o desenhou. CASTRO FARIA: s/d.

O juquiá é utilizado para a pesca em locais com pouca água, nos quais o pescador vai batendo com ele na água até sentir o peixe bater e ficar preso nele. Para ver se há realmente algum peixe, ele coloca seu braço nessa parte de cima aberta e se tiver peixe é por ela que ele o retira. O juquiá é feito com a fibra do bambu manualmente. Dedé é um dos que sabe fazer esse instrumento de pesca.

Depois de falar com Churuminga e de mostrar algumas modalidades de pesca realizadas por ele, era hora de continuar o trabalho de entrevistas com o próximo interlocutor e tio que foi o Laudo. Assim como todos os irmãos passou por toda a etapa de aprendizado como Churuminga na experiência com a madeira e na pesca. Mas Laudo foi um dos poucos da família que teve sua carteira de trabalho assinada.

2.3. Tio Laudo e a carteira assinada

Laudo saiu da pesca para trabalhar no DER¹⁸, onde trabalhou do ano de 1981 a 1991, parando assim suas atividades na pesca. Depois disso ele trabalhou na Prefeitura de São Francisco, prestando serviços à CEDAE¹⁹ como operador de elevatória com contrato de três anos e seis meses. Depois de seu contrato terminado, ele retornou para a pesca. Em 2002 se cadastrou na Colônia de Pescadores Z1, cinco anos depois ele veio como candidato à presidência e foi eleito em 2007 tendo se dedicado exclusivamente a sua função na Colônia, tendo suas atividades encerradas como presidente da Colônia em março de 2015, pois não conseguiu sua reeleição e estava aos poucos retomando as atividades ligadas a pesca como a construção de bateiras.

Suas atividades na pesca agora eram somente para seu sustento e de sua mulher Cecília, já que seus dois filhos, Fagner e Julio Cesar são casados e não moram mais com eles. Fagner e Julio sempre foram incentivados pela mãe a buscarem uma vida diferente da de seus pais. Assim que foi possível, mandou os dois para estudarem em Campos dos Goytacazes onde tinha mais opções para a formação escolar. Apesar de todas as dificuldades para manter

¹⁸Departamento Estadual de Estradas e Rodagem.

¹⁹Companhia Estadual de Águas e Esgotos

seus filhos em uma cidade e arcando com os gastos, ela não queria que os filhos voltassem. Segundo ela em Gargaú não via um futuro para seus filhos.

O mais velho Fagner ainda chegou a ir ao mangue para capturar guaiamum. Foram poucas vezes, mas ela conta que tinha meses que o orçamento ficava muito apertado e ele ia para ajudar, já o mais novo não chegou a ir para o mangue. Nenhum de seus dois filhos seguiu na pesca. O mais velho é Técnico em Telecomunicações e conseguiu uma bolsa de estudo integral pelo Programa do Pro-Uni, do Governo Federal, para cursar administração em uma universidade particular de Campos. O mais novo também fez curso Técnico em Automação Industrial e também conseguiu uma bolsa de estudo pelo mesmo Programa para cursar Matemática, também em uma universidade particular de Campos. Não tendo nenhum de seus filhos optado pela pesca. Já Cecília estudou até a segunda série e teve sua carteira de trabalho assinada como auxiliar de cozinha desde 2002.

“Seguindo²⁰” meus parentes desta geração, resolvi ir atrás de um tio que há tempos já não morava em Gargaú. Homem de poucas palavras, mas muito trabalhador, Onofre aceitou me receber em um final de semana em Barra de São João, localidade no litoral fluminense, espremida na conhecida “Região dos Lagos”, no qual já reside desde 1977. Assim, fomos eu e meu marido até Barra.

2.4. Onofre e seu artesanato.

Desde que de começamos a viajar para a Região dos Lagos, ficávamos, eu e meu marido, sempre na casa de meu cunhado Julio, em Rio das Ostras, e de lá seguíamos para Barra de São João. No dia 26/02/2016 fizemos então esse trajeto de Campos dos Goytacazes para Rio das Ostras e de Rio das Ostras para Barra de São João. A ideia seria fazer esse primeiro contato, explicar sobre o trabalho e marcar outro dia para conversar melhor e com calma, já que nesse dia ele estava trabalhando. Mesmo se tratando de um feriado, os pescadores, em geral, não seguem um calendário padrão “de emprego formal” e é comum que trabalhem domingos e feriados.

²⁰ “Seguindo” aqui tem como inspiração as contribuições de Bruno Latour no seu ensaio “Ciência em Ação” no qual sugere que os antropólogos não fazem nada além de “seguir” seus interlocutores através, nas suas práticas, seus movimentos e suas produções. (LATOUR: 2011).

Ao chegara Barra notei logo uma mudança: o local onde ele fazia seus barcos tinha mudado. Ele construía em um terreno que fica ao lado de sua casa. Esse terreno foi vendido e murado. Tendo ele que encontrar outro local para a construção de seus barcos. Agora ele trabalha em um terreno que fica a beira do rio (rio esse que está do outro lado de sua rua e que tem manilhas por baixo do asfalto chegando ele até os fundos de sua casa) que passa em frente a sua casa, logo do outro lado da rua.

Chegando e procurando por ele, me informaram que ele estava perto do Rio São João. Então me aproximei e logo foi possível avistá-lo. Perguntei como iam as coisas, aquele ritual de sempre, quando encontramos alguém da família e tem tempo que não vemos. Falei comele que estava fazendo um trabalho de conclusão de curso e esse trabalho seria sobre a profissão da pesca na família. Isso foi em um dia de sexta feira, aproveitei e fui observando o que ele estava fazendo no estaleiro e o que acontecia a sua volta.



Figuras 13, 14 e 15—Chegada no estaleiro naval de Onofre e a conversa sobre seus projetos.
Fonte: Fagner, 2016.

Ele estava com dois projetos em andamento. Um era um barco de pesca de grande porte e o outro menor. Porém, o segundo não seria utilizado para a pesca, ele seria um “bar

barco” em uma das praias de Búzios, algo, em princípio, não muito convencional. Já tinha ido a Búzios algumas vezes e nunca tinha visto nada parecido.



Figuras 16, 17 e 18—Os barcos em construção e o da figura 16 depois de pronto na figura 18.

Fonte: Graziéli, 2016.

Então perguntei mais ao meu tio sobre aquela embarcação. Ele respondeu que aquele seria um trabalho feito sobre medida para uma pessoa. Seria um bar, ali dentro do barco. Isso mesmo: ao invés de um bar em sua forma convencional ou um quiosque seria ele ter o formato de barco. Dentro do barco os funcionários iriam trabalhar e os clientes fariam seus pedidos. Além de achar a ideia muito criativa, fiquei curiosa em ver o funcionamento do bar no barco. Perguntei para qual praia iria o barco e ele me informou que iria para uma praia em Búzios, mas não sabia ao certo para qual delas.

Em meio à observação e durante a conversa, fui tentando fazer com que ele se sentisse à vontade para falar e fui perguntando sobre os barcos e assuntos ligados a isso. Ele foi me mostrando e explicando algumas coisas, mostrou o barco que iria reformar, mostrou onde ainda estava bom e o que não servia mais e assim segui colhendo as informações, mas como já estava ficando tarde, combinamos de retornar no sábado que seria um dia que ele não

estaria no estaleiro para poder conversar melhor. Seguimos viagem de volta para Rio das Ostras e retornaríamos no dia seguinte.



Figura 19—Onofre mostrando o barco que iria reformar.
Fonte: Fagner, 2016.

Então retornamos no sábado (eu, meu marido, meu cunhado, sua esposa e sua filha de alguns meses). Cheguei a sua casa, chamei por ele e fui informada novamente de que ele estaria no estaleiro trabalhando. Pensei por um instante: Isso vai ser mais difícil do que imaginei. Atravessei a rua em direção ao estaleiro e lá estava ele trabalhando no sábado e eu novamente perguntando coisas tentando fazê-lo falar. Ele tinha recebido madeira na sexta-feira à tarde e estava trabalhando nelas. Foi quando ele começou a riscar de lápis uma tábua e eu observando, mesmo sem entender, o que ele estava fazendo, porém, continuei atenta. Um risco daqui outro dali, vira a tábua de um lado, vira de outro e logo depois começou a passar na máquina seguindo seus riscos feitos. Depois de passar várias vezes e desligar a máquina, ele começou a soltar os pedaços que não serviam, então quando olho, com um olhar de surpresa e me dou conta de que lá estavam dois remos feitos. Nada com muita medida e sobre medida: estavam em sua forma bruta e ele teria que passar em outra máquina para tirar o excesso e começar a dar formas e acabamento aos remos.



Figuras 20, 21 e 22—Onofre riscando, cortando e dando acabamento a tábua que seria um remo.
Fonte:Graziéli, 2016.

Durante esse processo, notei que não usava nenhum tipo de equipamento de segurança. Sem luvas, sem óculos, de sandália de dedo o cenário perfeito para acidentes. Fez os remos com uma agilidade e rapidez que fiquei impressionada e assim ele seguiu trabalhando, despreocupado com as maquinas e seu manuseio, ao lado de um rio com o vento fresco e sombra para desempenhar seu trabalho.

2.5. Teca: a surpresa da prima pescadora!

As horas foram passando, e foi começando a ventar e a ficar frio, resolvemos então entrar. Já em sua casa conversando, Onofre comentou que sua filha Teca também pescava o que foi para mim outra surpresa. Não sabia que Teca estava no ramo da pesca e para eu ficar ainda mais surpresa isso já fazia algum tempo. Não a via há muitos anos e realmente não tinha contato algum com ela. Sua casa fica na parte superior da casa de seu pai. Então, resolvi falar com ela. Chamei na escada e ela me convidou para entrar. Fui até lá, a cumprimentei, e disse o porquê de estar ali, em pleno sábado. Ela me recebeu muito bem em sua casa, conversamos um pouco, ela fez um café com algumas delicias da padaria que mandou comprar e seguimos conversando. Tirei fotos de seus *freezers* repletos de peixes e seguimos conversando. Mais uma vez, estava ficando tarde, eu agradei por me receber e perguntei se poderia voltar outro dia para conversarmos melhor, pois além de ter ido sem avisar, estávamos com minha afilhada de meses e estava frio e ventando para ela.



Figura 23 e 24—Carapeba e robalo pescados por Teca
Fonte:Graziéli,2016.



Figura 25—A placa que Teca colocou em frente a sua casa com os peixes que vende e seus valores
Fonte:Graziéli, 2016.

Já que não consegui avançar muito com Onofre, deposei nela a esperança de ter as informações sobre as diferenças de percepções entre a antiga e a nova geração de pescadores da família. Mas ao contrario dele, ela é bem comunicativa e fala com tranquilidade sobre o assunto. Senti-me a vontade para voltar outro dia e levar mais aprofundar a conversa.

Teca, além de pescar, faz puçá, redes, conserto de redes e bordados para vender. Técnicas e conhecimentos sobre o trabalho manual que foram passados de geração para geração. O bordado é um trabalho que ela desenvolve nos dias em que não vai pescar e/ou quando não tem ninguém para acompanhá-la, já que seu marido trabalha embarcado e não pode acompanhá-la todas às vezes. Teca aprendeu a bordar com sua sogra que já é falecida.



Figuras 26 e 27 – Trabalhos de ponto e cruz feitos por Teca.

Fonte: Graziéli, 2016.

Para continuar a pesquisa com a Teca como interlocutora aguardei até o próximo feriado. Tentei falar com Onofre para ir até sua casa e encontrar a Teca, mas não consegui. Fui para Rio das Ostras, mesmo assim, e chegando lá tentei ligar para ela. Onofre informou que Teca tinha ido para Gargaú, pois tinha comprado uma casa lá. Seria então uma ida “em vão” sendo que esta já era a terceira vez que eu estava indo até Barra de São João fazer pesquisa de campo. O trabalho de campo pode até parecer algo fácil de realizar, mas não é. É sim um “trabalho de formiguinha”, onde é necessário ir várias vezes no mesmo lugar, para então sentir que a pesquisa está avançando um pouco mais. Senti na prática, algo que meu orientador sempre falava: trabalho de campo não é fácil e muito menos é algo rápido de se realizar. Isso exige tempo, paciência e persistência. É difícil, algumas vezes parece repetitivo, mas é, sobretudo, aberto às surpresas. Pode lhe trazer respostas e ou provocar perguntas. Pode ter cheiro ou mau cheiro. Pode ser alegre ou triste. Colorido ou tão negro e escorregadio como a lama de um mangue. O campo pode ser tudo isso e muito mais. Ele é tudo aquilo que você deseja e pode ser tudo o que menos espera. O certo é que só se sabe o que o campo pode lhe oferecer quando ele começa a ser explorado. E assim, creio eu, fiz.

2.6. O resultado do artesanato: o “Bar-Barco” em Búzios.

Uma destas surpresas foi uma ligação telefônica recebida pelo meu marido. Estávamos sendo convidados para o casamento de seu primo, em Barra de São João. Seria uma ótima oportunidade de retornar para Barra e retomar a conversar com Teca. Assim, chegando a Rio das Ostras e considerando que a conversa com Teca seria apenas no domingo, combinei com meu marido de irmos até Búzios tentar encontrar o tal “bar-barco” que Onofre tinha construído. E assim fizemos.

Fomos atrás do primeiro “bar-barco” que ele havia construído para Dona Francisca em Búzios. Ele nos passou as informações e também procuramos na internet até saber a praia correta onde encontrar Dona Francisca e seu bar.

Conseguimos chegar à praia de João Fernandinho perguntando para um senhor desconhecido ele nos indicou que o local onde estava o barco de Dona Chica era um pouco mais a frente e o acesso seria por uma escada no meio da mata até lá. Seguindo a informação, achamos a escada.



Figuras 28 e 29 - Escada de acesso a praia de João Fernandinho.
Fonte: Graziéli, 2016.

Descendo a escada logo vimos o barco de Dona Chica, ou melhor, o “bar-barco”. Então olhei em volta, vi outros barcos que também eram bares, mas que não tinham sido feitos no estaleiro de Onofre. Muito nervosa sem saber direito o que dizer e as perguntas sumindo da mente, segui adiante assim mesmo. Então no barco havia uma funcionária, perguntei se o proprietário ou um responsável pelo bar estaria ali. Notei que antes mesmo de conseguir explicar o que queria para a funcionária, ela ficou nervosa. Não sei se pensou se eu poderia fazer parte de algum órgão de fiscalização ou coisa parecida. Tratei logo de explicar que era sobrinha de Onofre a pessoa que construiu o barco e foi ele quem pediu que eu a procurasse. Eu estava com um bloquinho de anotações em mãos e uma câmera fotográfica pendurada em um dos braços. A funcionária então me mostrou quem seria a responsável e por sorte quem estava lá naquele dia era mesmo a Dona Francisca.

Dona Francisca estava sentada ao fundo do barco observando o movimento. Então me aproximei, me apresentei. Expliquei à Dona Francisca que estava ali porque estava fazendo o

uma pesquisa para a faculdade e esse trabalho seria sobre a pesca artesanal e outros ofícios ligados a ela que alguns dos meus tios ainda desenvolviam. Família esta na qual a maioria era de pescadores e atualmente alguns ainda trabalham direta ou indiretamente na atividade, como Onofre, por exemplo.

Depois de expor de forma clara e simples sobre o que se tratava o trabalho perguntei para Dona Francisca se poderia fazer algumas perguntas sobre o “bar barco”. Ela prontamente disse que sim e abriu um sorriso. Fiquei aliviada, mas ainda continuava nervosa e minhas pernas continuavam tremendo. Percebi que algumas pessoas me olhavam querendo saber o que estava acontecendo.



Figura 30 -Eu entrevistando dona Francisca.
Fonte:Fagner, 2016.

Perguntei a ela como surgiu a ideia e a quanto tempo ela trabalhava ali e nesse ramo? Ela respondeu que no inicio quando ia trabalhar na praia, ela levava isopor com bebidas e refrigerantes, não foi logo de cara que pode colocar um bar e começar a trabalhar. Então trabalhava como ambulante na praia. Depois veio a ideia de fazer um barco e trabalhar nele. O primeiro barco em que ela trabalhou era menor do que o atual. Não aguentou a ação do tempo e estragou. Talvez por não ter sido construído com as madeiras, colas e tintas apropriadas para uma embarcação. E por mais que um “bar barco” não vá ao mar, o mar pode ir até ele e tudo isso influencia na sua conservação e durabilidade. Ele deve ser preparado para pegar sol, chuva, maresia e vento, como um barco utilizado por pescadores, onde esses devem estar preparados para enfrentar o bom e o mal tempo em alto mar. Então foi para o segundo, que foi construído por eles mesmos, ela e seus filhos e não tinha sido um barco com todas as suas formas e curvas perfeitas como teria sido o terceiro barco construído pelo meu tio em um

estaleiro segundo ela. Ela disse “foi o terceiro que foi construído em um estaleiro, sob medida, direitinho”. Já em relação ao tempo em que trabalhava na praia com vendas incluindo o tempo em que trabalhava com vendas em isopor e depois com bar na praia, teria mais ou menos oito anos ao todo. Ela trabalha nesse ramo com a família, filhos e netos.



Figura 31–Dona Francisca em seu “bar barco”.

Fonte:Graziéli, 2016.

A construção do terceiro barco veio com uma padronização desses estabelecimentos na praia. Segundo Dona Francisca, foiseu Cícero, um morador quem iniciou o projeto de padronização dos quiosques da praia, que inicialmente eram construções precárias e essa mudança traria organização, beleza e uma melhora na qualidade dos atendimentos aos turistas. Dona Francisca fez um alto investimento em seu bar, que foi o primeiro estabelecimento feito em um estaleiro de forma artesanal e por profissionais do ramo. Uma forma de organização na praia tanto para quem trabalha como para quem frequenta. A construção do barco de Dona Francisca foi acompanhada pelo seu neto e por seu Cícero, que é também um amigo da família. O barco foi sobre encomenda e feito todo sobre medida. Sua parte interna planejada para que coubessem os freezers, as prateleiras, e para que pessoas pudessem trabalhar dentro dele. Ele também foi feito para guardar em segurança todo o seu material e mercadoria de trabalho. Como mostra as fotos abaixo, o barco também possui tampões com trancas e cadeados para que possa ser fechado mantendo sua mercadoria em segurança. A parte da frente não possui tampões, pois não haveria necessidade por ser muito pequena e estreita. Já a parte final serviria de depósito e também não haveria os tampões.



Figuras 32 e 33–Tampões utilizados para fechar o “bar barco”.
Fonte:Graziéli, 2016.

O barco foi entregue totalmente pronto. Ele já estava com as prateleiras nos lugares, os tampões e a pintura feita. A única coisa que Dona Francisca mandou colocar foi o nome do barco “Bar da Tia Chica”, que foi colocado quando o barco já estava em posição definitiva.

O transporte do barco foi feito de duas maneiras e em duas fases. A primeira, ele foi por terra sendo levado em um reboque por um carro ate certo ponto. A segunda fase foi quando ele foi transportado pelo mar sendo rebocado por outro barco, já que o acesso a praia seria por meio de escadas conforme vimos no início, se tornando impossível colocar o barco em seu devido local de funcionamento.

Segundo ela, o barco levou dois dias só para ser transportado da praia (da água) para o local na areia onde ficaria. Mesmo sendo um bar, ele é antes disso um barco e, portanto possui o peso e a dificuldade de transporte como qualquer outro barco de pesca. Teria sido usada uma espécie de catraca que estaria presa a uma corda e a corda ao barco, dando volta a uma grande arvore para apoio e assim conseguir puxar o barco e colocar no lugar onde seria o local de trabalho.



Figura 34—As anotações no caderno de campo.

Fonte: Fagner, 2016.

Como o acesso a praia é difícil e feito nesse local por meio de uma escada, perguntei a Dona Francisca como era feito o transporte dos freezers, das bebidas, cadeiras e mesas. Ela informou que era feito pela escada em trabalho braçal. O que exige um esforço físico muito maior e um cuidado redobrado ao descer com peso. Para quem olha pode não parecer nada de mais, já para outros pode ser perigoso. Na hora em que estava chegando e descendo a escada, outras pessoas faziam o movimento contrário, o da subida, e uma senhora parou no meio da escada para descansar e ao tentar continuar caiu sendo segurada por um senhor que a acompanhava.

O que deixou claro que não é algo tão simples de fazer e que a chegada e saída da praia por esse acesso exigem cuidados. Desde o primeiro ponto em que paramos na praia a descida já seria difícil. Também era uma escada, mas de cimento, o que dificultaria o acesso de pessoas portadoras de deficiência. No segundo acesso seria ainda mais complicado, pois a escada era de terra e mais audaciosa com curvas e sem barras de apoio.



Figura 35—Bar da Tia Chica

Fonte: Graziéli, 2016.

Finalizando nossa conversa, agradei pela gentileza em me receber e responder algumas perguntas sem ter marcado nada com antecedência e tamanha simpatia e empolgação em tirar as fotos, falar do seu trabalho e de como foi a elaboração desse projeto.

O que tinha planejado para o sábado tinha corrido tudo certo. Depois de tantos desencontros em Barra de São João, esse final de semana não teria sido em vão. Voltamos para Rio das Ostras já à noite e preparei tudo para ir a Barra no domingo conforme havia combinado com Teca. No domingo por volta de 14:30 h da tarde saímos de Rio das Ostras e seguimos com destino a Barra de São João. Muito gentil e educada, pediu para entrar e então começamos a conversar. Muito me intrigava o que tinha levado Teca a seguir na pesca, já que ela seria a única mulher da nova geração a seguir na profissão. Segundo ela, desde criança já acompanhava seu pai nos dias de pesca. Ele não tinha com quem deixar as crianças então às levava. Eu também queria entender porque o núcleo familiar de Onofresaiu de Gargaú e foram morar em Barra de São João.

2.7. Família nuclear de Onofre: de Gargaú para Barra de São João.

Onofre, pai de Teca, morava em Gargaú com sua esposa e três filhos. Tinha um estaleiro naval onde construía seus barcos para serem vendidos. Segundo ele aprendeu a construir barcos trabalhando em estaleiros para outras pessoas e já tendo uma familiaridade com o manuseio de madeira que veio do trabalho quando novo com seu pai, não teve muita dificuldade em aprender. Depois de anos aprendendo a construir e reformar ele abriu seu próprio estaleiro, mas Gargaú “se tornou pequeno” para seus negócios. Tinha ele um irmão por parte de pai que morava em Barra. Entrou em contato com esse irmão e seguiu para lá na esperança de um mercado melhor na construção de barcos. Morou um tempo em Barra sem sua família, para ver se daria certo, pois o local possuía um mercado muito maior para venda dessas embarcações. Teca continuou com sua família em Gargaú e perto de concluir a escola, ela ganhou uma bolsa de estudos de um “padrinho político” muito conhecido de seu pai, para estudar medicina veterinária em Campos dos Goytacazes. Mas Teca, nesse tempo, já namorava Dudu, que é seu marido, e logo depois descobriu que estava grávida e não pode seguir os estudos fora de Gargaú. Continuou a estudar grávida e depois recebeu ajuda de sua sogra para cuidar de seu filho, enquanto ela frequentava a escola e terminava os estudos.

Depois de se estabilizar e conhecer o mercado de construção e venda de embarcações, Onofreretornou para buscar sua família que ainda estava morando em Gargaú para então morar e trabalhar em Barra. Foi nessa mudança para Barra que Teca já com seu filho, Carlos Eduardo, começou a trabalhar na peixaria, fazendo a limpeza do local e depois descascando camarão. Com o tempo de trabalho e observação, Teca foi aprendendo mais e mais. Passou então a limpar os peixes. Trabalhou nessa peixaria durante vinte e quatro anos sem carteira assinada.

Teca além de trabalhar na peixaria, ajudava quando possível seu pai no estaleiro. Foi trabalhando na peixaria, e conseguiu um lugar para morar, localizado em cima da peixaria, podendo assim, acompanhar seu filho que ainda era pequeno e precisava de seus cuidados. Segundo ela até em seus dias de folga da peixaria ela ia pescar com seu marido, por vezes, saía durante a noite, depois do expediente na peixaria para pescar e tirar um extra –além de fazer porque gostava.

Quando não estava na peixaria ou pescando, Teca estava no estaleiro ajudando seu pai a montar os barcos, segurava as madeiras para fazer as “cavernas”, ajudava a apertar os parafusos e a bater os pregos. Enquanto um segurava a madeira, o outro vinha furando e parafusando e como a madeira muita das vezes é inclinada. E é preciso força para colocá-la na posição desejada. Sua mãe Edna, também está na pesca nos dias de hoje. É também sua mãe que faz a parte da costura de seus bordados de ponto e cruz que aprendeu com sua sogra e continua fazendo até os dias de hoje. Além de tudo isso, Teca também sabe manusear algumas máquinas do estaleiro e também mexe com mecânica de automóvel. Perguntei sobre os estudos se não tinha vontade de retomar para fazer uma faculdade ou curso técnico? Falou que sim. Segundo ela, se for morar em Gargaú, vai fazer um curso de injeção eletrônica de automóvel em Campos, porque gosta de mexer com carros. Apesar de morar em Barra, Teca tem vontade de retornar para Gargaú. Mesmo morando lá, sempre que possível, eles visitam parentes e amigos.

Seu marido, Dudú, trabalha embarcado, como mecânico de sonda, e quando está em casa, sai para pescar com ela e também trabalha como mecânico de automóvel em sua casa. Acabam que trabalham em família ali no quintal, Ednardo seu irmão mora com seu pai, e Teca tem sua casa na parte de cima da casa de seu pai, então acaba que um vai ajudando o outro. O filho de Teca, Carlos Eduardo no momento está fazendo curso de eletromecânica,

mais já fez outros. Ela não incentivou seu filho a seguir o mesmo caminho que o dela e é possível entender o porquê quando ela relata que:

“agente quer sempre o melhor. Se tiver que pagar para dar o melhor... porque na pesca é bem sofrido. A pessoa viver só disso é muito complicado. É um trabalho muito árduo e as consequências vêm agora... Tira por Tião, na questão da saúde, por ter isso na família e agente vê, agente não vai querer isso nunca para o filho da gente. Agente batalha para dar o melhor, para eles não dependerem disso aí, só por esporte, só para se divertir.”²¹

Ao falar da sua vida na pesca, pude notar que Teca em momento algum lamentou a vida e carreira que não seguiu quando descobriu que estava grávida. Acredito que o que mais a desmotivou e hoje ela sente o peso de todos os anos nessa área, não é nem pelo trabalho árduo e sim pela falta de reconhecimento e por não ter seus direitos garantidos. São poucos os profissionais na área da pesca que possuem suas carteiras de trabalho assinadas. Pelo menos com os interlocutores que tive contato, nenhum deles tiveram seus direitos garantidos quando trabalharam em uma peixaria. Teve um tio, o Dedé que sua carteira foi assinada em um dia e dado baixo em outro. O porquê disso? Segundo ele já estava trabalhando por meses em peixaria e quando o proprietário pediu sua carteira para assinar queria ele deixar para trás todo o tempo já trabalhado por Dedé e assinar daquela data em diante. Dedé ao pegar sua carteira e ver que os meses já trabalhados não estavam inclusos pediu que o proprietário “desse baixa” e saiu do emprego. Teca não foi a primeira a trabalhar anos sem carteira assinada e não será a última. É uma situação que se repete e impede que os trabalhadores da área desenvolvam um trabalho com a segurança que lhe é de direito. A pergunta que me fiz foi: *Será que se tivesse tido todos os seus direitos assegurados, Teca teria o mesmo olhar sobre a profissão que segue até hoje?*

Talvez nunca saberemos com precisão. O que sabemos, no entanto, é que mesmo sentindo falta dos direitos e do reconhecimento profissional, Teca continua pescando porque gosta. Falou de como é a experiência em pescar um grande peixe e da tranquilidade que é pescar com seus horários e dias conforme corra a semana.

Além de pescar de molinete, Teca é responsável pela limpeza dos peixes. Pesca também siri com puçá e pega robalo com sua tarrafa (sem saco e com correntes no lugar de chumbos) em baixo da ponte caída de Barra de São João, com seu pai, irmão, mãe ou marido. A pesca com essa tarrafa é feita da seguinte forma: Teca e seu acompanhante ficam debaixo

²¹Quando Teca se refere a Tião é porque ele, meu pai e minha avó já passaram por cirurgias para a retirada de câncer de pele e elas não param por aí, sempre voltam em outros locais.

da “ponte velha”²² em noite onde a lua clareia a água. Segundo ela, ao ficar na espera do robalo, eles ficam com a tarrafa preparada esperando um cardume aparecer para então jogá-la. Ela explica que os robalos mais parecem pedaços de madeira na água, mas não são. Assim quando jogada a tarrafa a corrente que esta localizada no final dela faz o trabalho de fechar a tarrafa impossibilitando a saída do peixe devido ao peso da corrente.



Figuras 36 e 37–Teca mostrando sua tarrafa de pescar robalo.
Fonte: Graziéli, 2016.

Tarrafa feita com linha nylon, 0,80, com malha de 100 mm na parte superior e linha multifilamento de 02 mm de espessura, com malha de 150mm – mais conhecida como rabo de tatu – para pescar robalo.



Figuras 38, 39 e 40 - Teca, seu marido Dudú (de macacão) e amigos da família depois da pesca com a tarrafa.
Fonte: (Fotos cedidas por Teca.)

²² Ponte construída em 1940, que serviria à passagem do trem (linha Rio-Vitória) sobre o rio São João que divisa Cabo Frio de Barra de São João e foi interrompida para dar passagem a rodovia (www.barradesaojoao-rj.org).

Teca esta na primeira foto com um robalo da pescaria em família, seu marido Dudu é o que aparece na segunda e terceira foto de macacão com um robalo pego na tarrafa mostrada na foto acima, onde a mesma não possui “saco”. Ela é reta e ao invés de chumbo, ela tem correntes que possibilitam a captura dessa espécie de peixe com todo esse tamanho.



Figura 41 - Puçá de pescar siri feito por Teca reutilizando aro de bicicleta.
Fonte:Graziéli, 2016.

Em Barra de São João tem um grande mercado para a venda de siri. Segundo ela “é pescar e entregar ao comprador”. Enquanto estávamos em Barra, Édina, mãe de Teca, chegou da pescaria de siri. Todos eles que moram ali, estão envolvidos na pesca, seja de forma direta ou indireta.



Figura 42 -Tarrafa com “saco”
Fonte:Graziéli, 2016.

Seu irmão Ednardo também faz alguns trabalhos como carpinteiro naval, pesca e também faz alguns consertos, em sua casa mesmo, como mecânico de automóvel. Sua irmã mais nova, Jaqueline cursou faculdade de Direito e atualmente mora em Campos.



Figuras 43 e 44 -Onofre entalhando as redes.
Fonte:Graziéli, 2016.



Figura 45 - Onofre entalhando com bóia a parte superior da rede.
Fonte:Graziéli, 2016



Figuras 46, 47 e 48 - A tralha, o chumbo, o chumbo embutido na tralha.
Fonte:Graziéli, 2016.

2.8. Uma manhã no mangue com Tio Dedé e Rosa.

Dando prosseguimento ao trabalho de campo, marquei um final de semana com meu Tio Dedé e sua mulher Rosa para acompanhá-los em um dia de trabalho. Fui para Gargaú já com tudo organizado – como acontece em quase todo trabalho de campo – não saiu como o planejado. Nesse final de semana ele desmarcou comigo porque tinha outro compromisso e não poderia ir ao mangue. Então deixei para outra hora, pois não era minha intenção atrapalhar ou atrasá-lo em suas atividades. Retornei para Campos.

Resolvi ir para Gargaú e passar alguns dias lá para conversar com Laudo sobre a construção da bateira que estava para ser feita. Combinamos que eu iria acompanhar a construção. Resolvemos tudo, combinamos a medida e fizemos a relação do material necessário para a construção. No dia (08/04/2016) à noite, eu estava na casa de minha sogra e de Laudo²³ quando Rosa, a mulher de Dedé, chegou querendo falar com Laudo, eu e minha sogra a atendemos. Então conversando, ela perguntou sobre o trabalho e quando iríamos ao mangue. Então respondi que eu estava disposta a ir quando eles pudessem me levar – desde que fosse em algum final de semana para que meu marido pudesse me acompanhar já que não sei nadar e nunca tinha ido ao mangue. Ela da primeira vez não poderia me acompanhar porque estava cuidando de seus bisnetos que estavam em sua casa (ela ficava com as crianças para a mãe delas, sua neta poder trabalhar) e não poderia me acompanhar, eu teria que ir somente com tio Dedé. Nesse dia que a encontrei na casa de meu tio, ela comentou que agora voltaria ir ao mangue no final de semana. Em nossa conversa, falou que não estava mais tomando conta das crianças e que eu poderia ver um dia para então ir ao mangue. Ou seja, ainda que não tão bem planejado, fui para Gargaú justamente para isso. No sábado à tarde passei na sua casa para confirmar fixar o horário. Combinamos então para domingo dia 10/04/2016 às 07h da manhã.

Já havia separado um macacão com minha sogra para usar quando fosse para o mangue, afinal de contas não poderia usar qualquer roupa devido aos mosquitos e galhos que poderiam me machucar ao passar por eles. Dependendo da lua e da maré, pode haver muito maruí (mosquito pequeno, encontrado no mangue), que fica impossível de andar e permanecer no mangue, principalmente para quem não está acostumado, como era o meu caso. De prevenção levamos um repelente para evitar os mosquitos, Rosa e Dedé também andam

²³Laudo além de meu tio é também meu sogro e sua casa fica no quintal de minha avó, assim como a de outros três tios.

preparados com repelente. Além do repelente usado para se proteger dos mosquitos, há também pessoas que usam um repelente natural que é o casoda própria lama do mangue e também óleo diesel. É passado por todo o corpo evitando assim as picadas e o incomodo causado por eles.

No domingo dia(10/04/2016) acordei e fui arrumar as coisas. Peguei um tênis velho, uma meia para usar, meu marido usou uma bota e uma calça mais grossa. Levamos também algumas coisas para comer e água. Liguei para ela e esperei em frente à igreja de São Pedro onde justamente fica o canal onde os pescadores deixam seus barcos facilitando a saída para o dia de trabalho.



Figuras 49 e 50 - Maré de Gargaú e Praça de São Pedro.
Fonte:Graziéli, 2016.

Fomos então para o local marcado e por volta de 07h20min eles chegaram. Ela me explicou que eles já haviam colocado armadilha em um mangue no dia anterior e que estavam levando algumas para colocar em outro mangue para eu acompanhar e ver como era a colocação da armadilha.

Então embarcamos na bateira, mais ou menos nesse horário e seguimos pela maré em direção ao mangue, eu, meu marido, Dedé e Rosa. Atravessamos o Rio Paraíba do Sul e ao chegar nesse ponto pegamos a saída à esquerda para chegar até o mangue.



Figura 51–Duas saídas. Uma de acesso aos mangues da região e a outra para São João da Barra
Fonte: Graziéli, 2016.

A saída à esquerda nos leva para o mangue e a da direita serve para quem segue para São João da Barra e outros locais. No nosso caso o mangue que iríamos fica nessa região da esquerda. Iríamos a dois mangues, no primeiro seria para colocar as armadilhas e no segundo para ‘correr’ o do dia anterior. Não iria colocar novas armadilhas no segundo porque, de acordo com Dedé e Rosa, ele é mais difícil de andar e seria complicado para eu acompanhá-los durante o processo. Rosa falou que tinha ficado atolada naquele mangue, que estava com muita água e por isso seria difícil de andar nele. Então fizemos como o combinado.

Depois de mais ou menos vinte e cinco minutos, Rosa era quem guiava o barco de motor rabeta. Chegamos ao primeiro mangue, o “Mangue do Loreto”, onde colocamos os laços para depois seguir para o “Mangue da Ilha” onde estavam as armadilhas colocadas no dia anterior²⁴. É Rosa quem sempre guia o barco. Segundo Dedé, esse trajeto deve levar mais ou menos uma hora e vinte minutos quando é feito a pé. Isso mesmo: uma hora e vinte minutos só de ida andando a pé e empurrando seu carrinho com o material que será utilizado em seu dia de trabalho. Esse carro é feito de uma geladeira velha, ou melhor, do que eles chamam de “casco de geladeira”, colocam as rodas de bicicletas e a madeira para segurar e empurrar. Ele só anda a pé, já está acostumado a percorrer longas distâncias. Logo tratei de dizer que não conseguiria acompanhá-lo a pé em suas “andanças” pelo mangue. Entre seus vários locais de pesca, o que fica mais distante de se chegar a pé é o que eles chamam de pecar na ponte, até esse local é cerca de duas horas a pé e empurrando seu carrinho.

²⁴O “mangue do Loreto” é assim conhecido assim por lendas contadas pelos mais antigos. Reza a lenda que quando as crianças saíam para catar o caranguejo, viam um menino loiro que aparecia e desaparecia de repente. Já o “mangue da ilha” recebeu esse nome, porque onde era uma ilha, virou mangue com o passar dos anos.



Figura 52 - Carrinho de casco de geladeira feito por Dedé.
Fonte:Graziéli, 2016.

Chegando ao primeiro mangue, trocamos de roupa na bateira mesmo, e ai surgia primeira curiosidade: os sapatos. Uma grande característica dos pescadores artesanais e catadores de caranguejo é justamente fazer seus instrumentos de trabalho de acordo com sua necessidade. Não existe um padrão, para todo o equipamento utilizado em sua atividade. É claro que tem as redes, puçás, gaiolas, mas o que estou tentando dizer é que se houver a necessidade de algum instrumento de pesca que não tenha pronto para vender, isso não será um problema para eles, do jeito de cada um ele será criado.



Figuras 53 e 54 - Sapato feito por Dedé.
Fonte:Graziéli, 2016.

Dedé foi quem fez o seu sapato e o de sua mulher. Perguntei a ele de que eram feitos? Ele respondeu: são feitos de câmara de ar de pneu de carro. Por não ter uma bota para ser utilizado no trabalho, ele fez esse sapato para andar no mangue. Seria uma maneira de proteger os pés contra possíveis acidentes e de não agarrar na lama, já que são de borracha, e o melhor: não teve custo, se comparado aos valores de uma galocha emborrachada. Depois de trocar de roupa e falar sobre os sapatos, descemos da bateira para entrar no mangue, já

preparados com roupas, calçados e o repelente. Na entrada já tinham lama e água – dependendo da maré pode ter mais ou menos água no mangue – e começamos a entrar.



Figura 55–A chegada ao “mangue do Loreto”
Fonte:Graziéli, 2016.

No início tive certa dificuldade de me equilibrar no mangue já que, a cada passo dado, as pernas afundavam e ficavam presas na lama. Eles foram cortando assim, com o facão os galhos finos e com folhas verdes para fazer as marcações na lama. Fica fácil de identificar porque na lama não tem esses galhos verdes saindo dela, o que parece brotar dela e que fica bem próximo é sua raiz que vem de baixo para cima como se fossem toquinhos em meio à lama e parecem buscar oxigênio.



Figuras 56 e 57–Dedé cortando os galhos para marcar os buracos e eu indo de encontro a Rosa.
Fonte:Fagner,2016.

Depois de cortar alguns galhos era hora de escolher os buracos. E aqui temos um exemplo dos conhecimentos de Dedé e Rosa sobre o ambiente do manguezal, bem como sobre o comportamento dos animais: ao contrário de outros catadores, eles escolhem os buracos onde os machos grandes estão. Não gostam de pegar as fêmeas, elas são pequenas e possuem um baixo valor de venda em relação aos machos. Como Rosa afirma:

“Não adianta vir para o mangue e pegar caranguejo pequeno. O caranguejo pequeno não tem valor para venda. Muitos pegam só para vender como engodo na captura de outros tipos de peixe. Eu prefiro pegar pouco, mas pegar grande”.

Foi algo que chamou a atenção porque as fêmeas possuem em determinada época do ano o que chamam de “coral”, algo muito apreciado por quem gosta de caranguejo e nem mesmo nesse período eles priorizam a captura de fêmeas.

É por isso que a escolha do buraco é tão importante para capturar somente os machos. Eles escolhem os maiores buracos, ou melhor, os buracos com maior entrada. Pelo tamanho da entrada no buraco é possível saber se é um caranguejo grande ou não. Pode até acontecer de não ser um macho, mas se o buraco for grande, isso indica que se for uma fêmea ela não será pequena. Eles também conseguem identificar pelas marcas dos dedos e unhas se ali tem um macho ou uma fêmea que segundo Rosa é: *“Ela rasteia muito no buraco. O macho não, ele vai e volta. Ela fica andando em volta do buraco, marcando o território”*.

Outra coisa que me chamou atenção foi que durante algumas vezes Rosa tirava a parte de cima do buraco. São os chamados ‘batumes’.



Figuras 58 e 59—Na primeira foto esta o batume com sua proteção. Já na segunda Rosa aparece tirando a parte superior do batume para então conseguir pegar o caranguejo

Fonte: Graziéli, 2016

Batumes são esses buracos com uma espécie de proteção que os próprios caranguejos fazem. Foi o que eu chamei de “casa” e Rosa, ao ouvir, deu risada. Como mostra a foto, é

uma proteção que fica na entrada do buraco, sendo ela feita pelo próprio crustáceo e para capturar o caranguejo é necessário tirar essa proteção, e ela explica que: *“tem que colocar a mão para ver o canal certo senão ele passa e não malha”*.

Passei a chamar de casa os buracos e assim seguimos. Rosa e Dedé colocando as armadilhas e eu e meu marido acompanhando e registrando as imagens. Encontramos trechos com mais água e outros com menos, não sendo tão fácil de andar pela lama, mas até que não me sai tão mal assim. Nesse “Mangue do Loreto” observei que olhando de fora a mata parece ser bem fechada e me parecia que seria assim por dentro também, e ao entrar vi que dava para andar bem ali dentro, não era uma mata “sarrada” como eles dizem, já tinha muitos caminhos abertos pelo homem e os locais de difícil passagem eram de raízes grandes das árvores. O que mais vi foi o que eles chamam de “sapateiro”



Figura 60—Eu observando Rosa capturando o caranguejo em meio aos “sapateiros”
Fonte: Fagner, 2016

Sapateiro é essa árvore cuja raiz é grande e são várias, como se fossem várias pernas, o que muitas vezes dificulta a passagem e a chegada até o buraco do caranguejo. Observei também que tinha uma árvore que possui folhas mais largas e algumas até em formato de coração – conhecida na região como Guaxuma –, acredito ser a mesma árvore e a mesma folha que Josué de Castro descreve em seu texto como as “folhas gordas”²⁵.

²⁵ CASTRO, Josué de. Homens e Caranguejos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda, 2003 .



Figura 61–Galhos de guaxuma.
Fonte:Graziéli, 2016

Então a primeira fase naquele mangue havia terminado. As armadilhas ficaram colocadas e seguimos para o “Mangue da Ilha” para correr as armadilhas que estavam lá desde dia anterior.

Seguimos de bateira para o segundo mangue. Era próximo, cerca de cinco minutos. Ao chegar logo pude notar a primeira diferença em relação ao “Mangue do Loreto”. A entrada era mais seca e também mais aberta. Em compensação, a lama mais parecia um sabão, o que ele tinha de seco e firme na entrada, tinha de escorregadio e profundo mata à dentro. No “Mangue da Ilha” eles já tinham colocado a armadilha no dia anterior para nesse dia só correr. Então foi isso que fizemos. Só que para minha surpresa, nesse mangue não seria possível eu acompanhá-los como no outro. Apesar de uma entrada mais seca e terra firme, esse mangue atolava muito. Nem Rosa, que já está acostumada ao trabalho, acompanhou Dedé. Segundo ela, isso não seria possível porque o mangue estava com muita água e que alguns dias atrás ela tinha ficado atolada.

Alguns animais estavam naquele local e à medida que a maré foi “colocando água”²⁶, esses animais tiveram de sair e buscar um lugar mais seco. Ao sair em busca de terra firme e um lugar seco e com alimento, esses bois deixaram o local bem pior para andar. À medida que iam passando criava-se uma espécie de vala, o que facilitaria para uma pessoa atolar no local, tendo ela dificuldades para sair como foi o caso de Rosa.

²⁶Colocar água é uma expressão usada pelos pescadores para dizer que a maré está enchendo, e que ao encher muito a água alcança locais onde estavam mais secos. Tendo assim os animais que ali estavam sair para buscar locais secos e onde pudessem encontrar alimentos.



Figuras 62 e 63—A chegada ao “mangue da ilha”
Fonte: Fagner, 2016.

Eles começaram correndo as armadilhas nessa parte mais firme e depois de terminada a empreitada, Dedé entrou para recolher as armadilhas que estavam mais para dentro da mata e sumiu em meio à vegetação. Sentamos no lugar limpo e de terra firme, comemos alguma coisa, bebemos uma água. Rosa fumou seu cigarro. Conversamos e descansamos um pouco enquanto Dedé corria as armadilhas. O ambiente estava fresco e silencioso, ouvíamos somente o canto dos pássaros e o som das árvores, de suas folhas batendo uma nas outras seguindo o ritmo do vento. Isso só era interrompido quando barco de algum pescador passava, e o barulho do motor soava alto.

Algum tempo depois Dedé retornou do primeiro lado onde havia colocado as armadilhas. Então perguntei como tinha sido? Ele respondeu:

“Peguei pouco. Tinham muitos grandes, mas a ariranha chegou primeiro e comeu a maioria deles. Se não fosse por causa dela, teria pego mais e todos dos grandes. Agora, vou do outro lado pra ver se dou um pouco mais de sorte”.

Então perguntei o que era esse animal? Ele explicou que era uma espécie de cachorro do mato que comia os caranguejos. Tirei uma foto de como ele deixa o caranguejo, isso é, quando não abre o casco e come tudo o que pode. Na foto é possível ver que o caranguejo teve todos os seus dedos arrancados, ficando somente as garras.



Figura 64–Caranguejo depois de ter seus dedos comidos pelo guaxinim.
Fonte:Graziéli, 2016.

Dedé então parou um pouco para comer alguma coisa, tomar seu café, fumar mais um cigarro e contar algumas histórias sobre suas pescarias e sobre os mangues. Tirei algumas fotos e logo depois ele seguiu para o segundo lado das armadilhas. Nesse lado mesmo Rosa falando para eu não ir, eu tentei acompanhá-lo. Fui eu pensando que poderia conseguir. Logo na primeira parte de lama e muita água onde ele passou e eu fui passar, minha perna foi embora, afundou bem rápido então vi que não daria para continuar. Além do que, ele não andava devagar, tem uma agilidade para andar no mangue que surpreende. Rosa falou que ele é assim mesmo bem rápido, ele costuma colocar o dobro ou mais das armadilhas colocadas por ela no mesmo espaço de tempo e também entra em locais que nem ela tem coragem para entrar. É o que vem com anos de pratica, a experiência, agilidade e técnicas desenvolvidas e aperfeiçoadas por eles.

Quando ele retornou do segundo lado vi que realmente não dava mesmo para acompanhá-lo. A marca da água por onde ele passou estava acima do joelho, um passo meu no lugar errado poderia ficar atolada assim como já havia acontecido com Rosa naquele mesmo mangue, onde quando atolou a água e lama ficaram acima de sua cintura. Pegou pouco caranguejo porque muitos foram comidos pelos “guaxinins”, mas os que foram pegos estavam em um bom tamanho.



Figura 65– Os caranguejos capturados naquele dia.
Fonte:Graziéli, 2016.

Enquanto estávamos no “Mangue da Ilha”, era o tempo necessário para que as armadilhas colocadas no “Mangue do Loreto” pegassem algum caranguejo. Depois de terminar o trabalho nesse mangue, retornamos para o primeiro onde as armadilhas haviam sido colocadas e por onde começamos os trabalhos daquele dia.

Nessas idas e vindas de um mangue para o outro notava um barulho estranho quando o barco passava próximo às margens dos mangues, onde podíamos ver a vida dos crustáceos, aves, pássaros e peixes em constante movimento. Comecei a prestar atenção e percebi que era o barulho do motor que dava eco e que a mata de certa forma devolvia. Parecia que ela – a mata – sabia que aquele som não a pertencia, e o expulsava para que o seu som puro e leve pudesse reinar novamente.

Chegamos ao “Mangue do Loreto” de volta e começamos a recolher as armadilhas onde o resultado não foi tão ruim e não deu tempo do “guaxinim ou ariranha” fazer sua refeição.



Figura 66—Dedé e Rosa mostrando o tamanho dos caranguejos que capturaram.

Fonte: Fagner, 2016.

Outro ponto importante que observei, é que local de um mangue para outro eles sabem de cabeça. Sabem diferenciar bem um mangue do outro e também conhecem seus nomes e lendas que cada um carrega. Os mangues são conhecidos por nomes como: Moça Bonita, Mangue do Correio, Porto do Barro, entre outros²⁷.

Cada um deles carrega uma explicação lendária que dá sentido ao nome que cada um carrega até os dias de hoje. Esse conhecimento é passado de geração para geração, evidenciando as particularidades de cada um. A mata mais fechada, o solo com mais água, o de fácil ou difícil acesso, aquele onde é possível encontrar os melhores e maiores crustáceos. E também como marcar o melhor local para a captura de cada espécie, e como não deixar outros catadores descobrirem esses locais. Ao encontrar um novo local é importante tomar alguns cuidados para que outras pessoas não achem. Um exemplo disso é entrar na mata fechada sem cortar os galhos da entrada até o meio, mantendo assim o local escondido. Os galhos são retirados onde o catador irá colocar as armadilhas sem “abrir” a mata. Os conhecimentos são muitos e saber o que cada mangue pode lhe oferecer é de extrema importância.

O mangue também oferece mais perigos: alguns tem cobras venenosas ou “bravas” como eles costumam dizer. É preciso conhecer o ambiente para saber como andar em cada

²⁷ “Mangue da moça bonita” ficou assim conhecido depois que uma moça catando caranguejo, ao atravessar um riacho morreu afogada. Depois disso alguns pescadores diziam que viam a moça aparecendo no mangue, e que era muito bonita. Assim as histórias iam sendo contadas e o mangue ficou sendo conhecido por esse nome. Outro bem conhecido é o “Mangue do Correio”, onde assim ficou conhecido devido ao carteiro que trazia as correspondências nas pranchas e para sair do mar aberto, entrava no rio que passava enfrente ao mangue que tinham os chamados “barraqueiros”, pessoas que faziam suas barracas e moravam no local. Já o “Mangue Porto do Barro” ficou assim conhecido porque tinha um barro que as pessoas tiravam para fazer tijolos, que naquele tempo era feito no “moinho” movido a cavalo e também para “abarrear” paredes das casas. Onde seu preparo era feito através de varias pessoas pisando nele para dar o ponto certo para então fazer as paredes.

lugar, o que levar quando for pegar caranguejo. Como conhecer e diferenciar um buraco ou ‘casa’ de um caranguejo fêmea, de um macho, dentro e fora do buraco e o que se pode fazer em situações inesperadas mais que já aconteceu com os mais antigos na profissão.

No mundo dos pescadores, como foi dito, se reproduzem incessantemente histórias e práticas que os conectam com o ambiente lacruste, com os elementos que o compõem, mas, sobretudo, que os colocam em contato com eles próprios. (COLAÇO, 2015, p.105)

Conhecer a melhor hora da maré para sair e para retornar. Saber quando ela esta subindo rápidos são conhecimentos de anos de prática. Guiar um barco a motor e conhecer os caminhos no rio para não ficar preso em bancos de areia. Ver se o vento não está forte demais podendo oferecer um perigo maior para quem está na embarcação. Se tiver ventando muito, o rio forma pequenas ondas que ficam batendo na lateral do barco, dificultando para ser guiado e balançando bastante a embarcação. Pescadores e catadores de caranguejo, como pude observar, interpretam os sinais da natureza a cada dia de trabalho.

Dependendo de como o rio esteja e do tamanho da embarcação, ela pode até virar. É importante conhecer a natureza e saber respeitar seus limites. O rio de ontem não é o mesmo de hoje, e o de hoje não será o mesmo de amanhã. Ele se movimenta, suas águas “andam” e o que esta debaixo d’água também. Um bom pescador e catador é aquele que, além de dominar as técnicas e conhecimentos que a profissão exige, faz porque é algo que lhe dá prazer em desenvolver. Pude ver o quanto Dedé e Rosa se sentiam a vontade fazendo aquilo. Fazem segundo eles, porque a sensação de liberdade está não só neles mais no lugar onde seu sustento é ganho: o mangue. “Não tem paredes, não tem horários fixos, não tem ponto para bater, você consegue ver o dia acontecendo, consegue sentir o vento puro e o frescor no rosto”, de acordo com o casal.

Não estou dizendo aqui, que é um trabalho leve e fácil de ser realizado sem problemas por qualquer pessoa. Muito pelo contrario, é pesado, cansativo e perigoso – tal como estou tentando descrever – além de exigir paciência e persistência. Também não estou argumentando que se ganha muito bem desenvolvendo essa atividade, mais é possível, de acordo com meus interlocutores, levar uma vida considerada “tranquila”, mesmo sem muito conforto ou luxo. Ser catador de caranguejo ou marisqueira não é algo que todos querem fazer. Seu corpo sente na pele – sem trocadilhos – os efeitos do sol, da água e da lama, ou seja, da rotina que vai ficando cada vez mais pesada, na medida em que as pessoas vão envelhecendo.

Naturalmente, o corpo com o passar dos anos vai se modificando e assim como a natureza passa a lhe dar sinais de que existem limites.

Por mais que aquele trabalho fosse pesado, cansativo, perigoso e cheio de incertezas em relação ao seu rendimento monetário, não vi reclamações que pudessem indicar uma tristeza em desenvolvê-lo por parte de meus interlocutores. É verdade que só acompanhei o casal durante um dia, seria precipitado da minha parte tomar esse dia como uma referência para a vida inteira no mangue. Mas eles em vários momentos falaram que gostam de estar no mangue, no sossego do lugar onde é ele: perto da natureza e de Deus. O que posso dizer de certeza, baseada em outras conversas, com pessoas até mais jovens, é que pescar e estar neste ambiente, é o que elas sabem fazer de melhor e se sentem bem com isso. Estar no mangue frequentemente é depender do que a natureza vai lhe oferecer e também de sua experiência e conhecimentos para ter um dia bom de trabalho.

Associada à estas impressões, a vida de quem depende do mangue é difícil, negra e escorregadia como sua lama. A vida na lama é lenta e cheia de marés altas e baixas não podendo tirar dela muito luxo, conforto e certezas para o futuro, e nem sempre podendo desfrutar de uma mesa farta, onde o alimento de maior fartura em sua mesa pode ser durante dias, apenas, o caranguejo.

Ouvi certa vez, em uma lanchonete em Gargaú, de um amigo do meu marido que se ele não fosse pescador, ele não saberia o que fazer. Ele não se via trabalhando, por exemplo, embarcado como seu irmão mais novo tentou fazer. Ele gosta do que faz e vive bem com isso. Aprendeu o ofício da pesca com seu pai e seguiu por gosto e escolha a profissão e não demonstra arrependimento na escolha que fez.

É também verdade, que existem pessoas que não tiveram muita escolha, não podendo se dedicar os estudos, ou como, por exemplo, com pai ou mãe doente tendo que ajudar na renda da família, gravidez da sua namorada onde teria responsabilidades a cumprir, sendo a pesca uma saída rápida e de um baixo investimento para ajudar na casa com as despesas. Ou ainda, ter que trabalhar para ajudar nas despesas da casa e com isso não poder levar os estudos a diante ocorreu na minha própria família, conforme relatado anteriormente, a cerca de cinquenta anos atrás. Mesmo com a nova geração, até onde consegui informações, isso também se repetiu.

No dia de nossa ida ao mangue, estava um lindo dia de sol e que prometia fazer muito calor. Nunca tinha ido ao mangue, só tinha ouvido falar. O cenário é de tirar o fôlego, as águas, a vegetação, os pássaros e o silêncio que trazia consigo a sensação de paz, mas infelizmente não vi só coisas boas. Observei desde a saída na maré ainda em Gargaú tamanha poluição e despreocupação com o meio ambiente e com a vida que nele habita.

O cheiro naquele local é forte e desconfortável. Lembrei-me do que Josué de Castro fala em seu texto *Homens e Caranguejos*, do cheiro que o mangue tinha. Pensei então que esse seria o cheiro que me acompanharia durante toda a manhã daquele dia de domingo. Essa maré em Gargaú que vai de encontro ao Rio Paraíba e também o caminho até São João da Barra. É também a mesma que as casas de moradores do buraco fundo (bairro de Gargaú) têm como quintal e fazem dela sua fossa gigante. O esgoto das casas, água de peixe e camarão das peixarias e os restos delas são despejados sem nenhuma distinção de até onde seria sua casa e onde seria uso de todos. Apesar do dia lindo que fazia não vi nada de belo até conseguir sair da maré e chegar até as águas correntes do Paraíba. Vi muitos urubus, restos de cabeça de peixes em maioria de peroá, redes velhas nas margens, muito lixo de toda espécie, esgoto das casas, fiquei chocada com tamanha lambança e agressão. Também fiquei pensando porque os esgotos das casas caíam direto na maré e não tinha uma fiscalização para mudar o cenário e a realidade daquele local que era triste de ver. Ali estava sendo jogados os dejetos humanos que virariam comida de peixes e dos caranguejos que algum tempo depois estaria na mesa dessa e de outras pessoas, estando sendo o caranguejo e peixe um pouco homem e o homem um pouco caranguejo.

Se a terra foi feita para o homem, com tudo para bem servi-lo, o mangue foi feito especialmente para o caranguejo. Tudo aí é, foi, ou esta para ser, caranguejo, inclusive a lama e homem que vive nela. A lama misturada com urina, excremento e outros resíduos que a maré traz. Quando ainda não é caranguejo, vai ser. O caranguejo nasce nela, vive dela, cresce comendo lama, engordando com as porcarias dela, fabricando com a lama a carniinha branca de suas patas e a geléia esverdeada de suas vísceras pegajosas. [...] O que o organismo rejeita volta como detrito para a lama do mangue para virar caranguejo outra vez. (CASTRO, 2003, p. 8)

Saindo do canal a paisagem e o mau cheiro começam a diminuir. Quando chegamos ao mangue e entramos, percebi que não havia o mau cheiro que tinha na maré de Gargaú. A lama não tinha o cheiro forte como o que tinha na ponte da Praça de São Pedro. Aquele mau cheiro não era do mangue e sim da poluição que nele já se encontrava impregnada.

Ao conversarmos sobre as diversas técnicas de captura do caranguejo, Rosa explicou que algumas delas são proibidas pelo IBAMA²⁸. Então perguntei uma delas por exemplo. Então falou da técnica de captura com o que eles chamam de laço. O laço é uma armadilha feita com pequenas fitas de faixa para anúncio e saco de milho desfiado. Segundo ela, essa técnica ficou sendo proibida devido aos catadores de caranguejo colocar os laços e não retornarem no dia seguinte ocasionando a morte dos caranguejos que ficavam presos a ele sem conseguir se soltar, uma outra seria a redinha, onde é apanhado todo o tamanho de caranguejo. Eles ficam presos a rede e se o catador não retornar para recolher, os mesmos morrem presos a ela.

Entre as técnicas que são proibidas e as que não são estão esses mais simples na captura: a captura com laço, a captura manual onde o catador coloca seu braço por inteiro no buraco alcançando e retirando o crustáceo dele, tem também a técnica onde o catador tapa o buraco com a própria lama, empurrando bem a lama para dentro do buraco com os pés e aguarda um tempo para então retirar o caranguejo, que estará tonto e quase fora do buraco.

Ao observar os dois trabalhando e desenvolvendo a mesma atividade, pensei na categoria de trabalho leve e trabalho pesado. Nesse contexto ele desaparece quando é destinado ao homem e a mulher. Não há essa separação de que a mulher tem que ficar em casa com o suposto “trabalho leve” enquanto o homem pega no “pesado”. Aqui Rosa desenvolve o mesmo trabalho que Dedé sabendo até desenvolver atividades na qual ele não se sai bem, como guiar um barco a motor. Foi também Rosa quem ensinou Dedé a pegar caranguejo e as técnicas utilizadas para isso.

Rosa assim como ele acorda cedo, antes das cinco da manhã, ela lava, passa, arruma, cozinha, toma conta de um neto que mora com ela, vai ao mangue, vende o caranguejo e limpa os peixes. Fiquei me perguntando qual desses seria um trabalho leve? Acredito que nenhum deles. Na família cada vez que observo com mais cuidado as atividades desempenhadas pelas mulheres, noto o seu desdobramento, esforço e coragem de acompanhar seus maridos durante um dia no mangue ou um dia no brejo pescando. Retornamos cedo do mangue, mas isso não significa que é sempre assim e nem que o trabalho termina ali. Tem dias que eles vão bem cedinho para o mangue e só retornam quando conseguem pegar bastante caranguejo. Sua ida até lá e seu dia tem que valer a pena.

²⁸ Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

Rosa e Dedé também pescam e é uma atividade desempenhada em conjunto com a captura do caranguejo. Foi uma maneira que encontraram para equilibrar o orçamento do mês já que no dia que não for bem ao mangue eles podem se sair melhor na pesca. O que eu falei sobre o pescador não ser só um pescador se encaixa também para o caranguejeiro. Eles sempre buscam atividades que possam complementar sua renda. Dedé além da cata de caranguejo trabalha em uma fazenda tomando conta de animais, os alimentando, fazendo cercados, cercando os tanques de peixe e o que mais o dono precise e que ele consiga fazer e Rosa sempre o ajuda nessas atividades quando possível. Dedé já é aposentado e o trabalho na fazenda não é feito todos os dias. Ele só recebe quando vai e só vai quando precisam dele por isso ele segue com suas idas constantes ao mangue.

São atividades que não os descaracterizam como catadores, pelo contrario, mostra que é uma vida difícil e incerta financeiramente, onde quem esta nela tem que ter um jogo de cintura para manter a ordem e o equilíbrio de seu lar. São muitos anos adquirindo experiência e tendo que saber lidar com as dificuldades. Nessa atividade, se o rio colocar muita água como eles dizem os mangues ficam alagados e eles não conseguem capturar os caranguejos, ou quando tem o período do defeso, eles não podem ficar parados durante todos esses meses. Por isso, buscam atividades paralelas para aumentar sua renda. A natureza não é previsível e um pescador ou catador com toda sua experiência sabe que se o dia de hoje foi bom, amanhã pode não ser.

Perguntei sobre os filhos e as profissões seguidas por eles. Notei um silêncio e pude perceber que não seria um assunto fácil de tratar. Dedé teve cinco filhos no primeiro casamento, sendo que uma é falecida. Dos outros quatros, três são meninas, e nenhuma delas seguiu ou teve interesse em saber mais sobre a pesca. O menino o acompanhou somente quando ele trabalhava como carpinteiro naval, mas hoje ele é mestre de obras. Ao que pude perceber ele não tem muito contato com seus filhos e, infelizmente, notei uma tristeza em falar sobre o assunto. Em seu segundo casamento que foi com Rosa, eles não tiveram filhos. Já Rosa teve só uma filha que também não seguiu seus passos e que fala com tamanha tristeza nos olhos em ver caminhos tão diferentes seguidos por mãe e filha.

2.9. Tião, Vanice e Iago: O ofício em família e as modalidades de pesca.

Quando comecei a realizar as entrevistas e observações, sempre encontrava com Tião e seu filho Iago desenvolvendo algum trabalho ligado a pesca como, confeccionando redes, puçás, saindo eou chegando da pesca. Tião foi o tio que, tal qual me recordo, desde sempre foi pescador, mas não poderia desenvolver minha pesquisa e falar dele sem realmente ter a certeza disso e busquei me aprofundar mais na sua história. Tião teve três filhos sendo duas meninas e um menino. A Raquel terminou seus estudos e atualmente ajuda seu pai na hora de vender o peixe em casa e de fazer a entrega quando o peixe é encomendado, mas não vai pescar como sua mãe junto de seu pai. A Karolína também terminou os estudos, casou recentemente e revende produtos de beleza e o mais novo, Iago, foi quem seguiu os passos do pai levando adiante os saberes passados de geração pra geração. Sempre acompanhando seus pais desde cedo, Iago não quis seguir outro caminho que não fosse da pesca.



Figura 67- Iago jogando tarrafa para pegar isca
Fonte: Graziéli, 2016.

Durante os finais de semana que passava em Gargaú, observei a movimentação no quintal de minha avó e o desenvolver de atividades. Algumas vezes cheguei a ouvir o carro ligando quando Tião se preparava para sair e pescar. Era por volta de quatro ou cinco horas da manhã, isso quando não saía à noite e retornava na outra madrugada. Observei que muitas das

vezes ele só tinha hora de sair porque tinha que esperar a maré, mas a volta para casa não tinha horário. Algumas vezes vi quando saía de manhã bem cedo e só retornava a noite. Outras vezes pude acompanhar a construção dos instrumentos de pesca e suas técnicas utilizadas para atrair e ou capturar o peixe. Um exemplo disso foi quando em um final de semana encontrei com Tião no quintal ralando mandioca para ir pescar.



Figuras 68e 69–Tião ralando mandioca.
Fonte: Graziéli, 2015

Na foto acima onde Tião aparece ralando a mandioca. Isto é uma técnica para praticar a Pesca de Engodo, onde essa mandioca ralada é jogada no local escolhido por ele para atrair o peixe e logo em seguida ele joga a tarrafa capturando o máximo de peixe possível. Chama-se é Pesca de Engodo, pois a mandioca serve apenas para atrair o peixe.

Em outro dia o encontrei reformando uma gaiola de siri.



Figuras 70 e 71–Tião reformando gaiola de siri
Fonte: Graziéli, 2015.

A Pesca com Gaiola de siri é feita colocando uma isca no centro da gaiola que pode ser um peixe como o bagre. Depois ela será colocada na água onde o siri será atraído para ela

e depois de entrar não conseguira mais sair. A diferença da gaiola de siri para a gaiola de camarão é a entrada: a gaiola de siri tem entrada retangular e a de camarão é redonda. A gaiola de siri a malha é mais larga do que a de camarão. Tião pescou siri algumas vezes enquanto estive lá, mas foi com puçá.

Em um dia desses em Gargaú perguntei a Tião se poderia acompanhá-lo em um dia de trabalho. Prontamente respondeu que sim e que quando fosse pescar me chamaria. Assim aconteceu. Eu estava em Gargaú em um final de semana e ele então me chamou e falou que estava com uma rede de minjoada e que iria correr e perguntou se eu queria acompanhá-lo. Combinamos então quando fosse a hora de sair para ele me chamar e assim ele fez. Era um dia de domingo à tarde quando Tião me chamou e avisou que iria correr a rede. Estava com um casal de amigos que também conhecem Tião e que nos acompanhou. Era 17:37h quando chegamos em uma fazenda onde o rio tinha colocado muita água e alagou o pasto dos animais, facilitando para que o peixe circulasse.



Figura 72 - A chegada ao alagado onde estava a rede de minjoada.

Fonte: Gabriela Alvarenga

Essa foto mostra a hora em que chegamos para correr a rede. Estava eu, Tião e Vanice. Fomos em direção à área alagada para então começar. A área era rasa por se tratar de uma área de pasto, mas Tião pediu a Vanice que fosse comigo na bateira enquanto ele corria. Vanice foi quem guiou a bateira a remo enquanto Tião corria e fazia a retirada do peixe na rede.



Figuras 73 e 74–Tião retirando uma tilápia da rede.

Fonte:Graziéli, 2016

Tião correu as redes que havia colocado e retirou os peixes. Não conseguiu pegar muitos, mas o que pegou era grande. Vanice nesse dia ficou guiando o barco onde eu estava, mas normalmente ela acompanha Tião na água mesmo e também é ela que faz a limpeza e os files dos peixes.



Figura 75–Vanice remando a bateira enquanto Tião corria a rede e eu tirava as fotos.

Fonte:Graziéli, 2016

A “pesca de minjoada” é aquela onde é colocada uma rede parada no local desejado, espichada de uma ponta a outra com o auxílio do calão – grande mastro de madeira. Quando a rede não tem chumbo, é colocado o calão no meio para manter a rede parada. Quando ela possui chumbo, é colocado o calão somente nas pontas para prender. Estando a rede já colocada e fixada, somente depois de algumas horas é que o pescador retorna ao local para correr a rede retirando dela os peixes que ficaram presos. Essa rede pode permanecer durante

alguns dias nesse mesmo local, onde o pescador retorna somente para correr. Quando o pescador vê que o peixe diminuiu e ou parou de cair na rede ele retira a rede ou troca de local.



Figura 76-Iago entalhando rede de minjoada.

Fonte: Graziéli, 2015

Tião também “pesca com molinete”, como é o caso da pesca de robalo. Esta modalidade é feita com o molinete quando a maré esta enchendo seus praticantes utilizam isca artificial. É muito importante conhecer as marés e saber os seus horários para assim conseguir pescar por mais tempo. Essa é a pesca realizada com isca artificial, onde quem está pescando tem que “dar vida a isca”, fazendo sempre o movimento de jogar e recolher a linha para que o peixe artificial permaneça se mexendo na água e pareça uma isca viva atraindo, então, os peixes maiores.



Figura 77- Robalo que Tião e Iago pescaram de molinete

Fonte: Graziéli, 2016.

Além da pesca com molinete, há também a “pesca com linha de espera”. Diferentemente do molinete a pesca de linha é aquela onde é usada a isca viva ou natural como eles chamam. Essas iscas naturais podem ser sarsairús, as piabas e tilápias. A pesca é realizada da seguinte maneira: a isca natural é colocada no anzol e é jogada e deixada parada em local específico até que o peixe morda a isca. Ao contrário do molinete a linha deve permanecer parada a espera do peixe.

Tem também a “peca de fisga” ou “zagaia”. Essa modalidade de pesca é realizada sempre a noite onde deve ser utilizada uma lanterna para clarear o local da pesca. Tião vai sempre acompanhado por outra pessoa, seu filho ou esposa para realizar essa pescaria. Realizada as margens dos rios e lagoas com a maré baixa, uma pessoa vai clareando enquanto a outra no caso Tião vai fisgando o peixe com a fisga.

Já na “pesca de cerco”, a rede utilizada para essa modalidade de pesca pode ser a mesma utilizada na minjoada. O tamanho da malha da rede é alterado conforme o peixe que se deseja pescar. Para a pesca de cerco, uma das pontas da rede fica presa ao barranco e a outra ponta fica com a pessoa que vai atravessá-la e logo depois faz um contorno que vai de encontro ao barranco onde esta a outra ponta fazendo então o chamado cerco onde esses peixes ficam presos. Depois de prender a outra ponta, o pescador vai retirando o peixe com a mão.

Outra modalidade de pesca é a “pesca de arpão”. Pode ser realizada através de mergulho ou não. Usando uma arma de pesca – uma espingarda de ar comprimido – ou de liga – borracha – é como se faz a captura do peixe. O pescador mergulha com a arma e efetua o disparo assim que localiza o peixe. Quando não é feita mergulhando, o pescador fica esperando atento o peixe passar e assim que o vê ele dispara a arma.



Figura 78- Arpão utilizado por Tião para pescar. Esse de três pontas ele utiliza para pescar de dia na embarcação.
Fonte: Graziéli, 2016.

Falei um pouco das modalidades de pesca desenvolvida por Tião e sua família. Ao contrario dos irmãos que são pescadores, mas que em algum momento fizeram outras atividades como principal fonte de renda e a pesca para complementar, Tião sempre teve a pesca como sua principal atividade ainda que se dedicasse a outras “pequenas ocupações” para complementar a renda.

Ele foi um dos últimos a ser entrevistado justamente por eu estar acompanhando suas atividades diárias. Entre suas atividades desenvolvidas para complementação de sua renda familiar estão essas que descreverei adiante. Tião faz e conserta rede, puçá e gaiolas. Também coloca *forro de pvc* em casas. Constrói e conserta embarcações e tem uma habilidade com a madeira e acabamento que se destaca em meio a outros trabalhos desenvolvidos por seus irmãos. É extremamente detalhista e cuidadoso nos acabamentos. Faz portões, cancelas e também coloca portas e janelas em casas. Tira mel de abelhas para vender e foi durante alguns anos secretario na Colônia de Pescadores Z1. Conseguiu estudar e completar até a oitava série e nunca teve sua carteira de trabalho assinada. Segundo ele chegou até a ter uma oportunidade de trabalhar com carteira assinada, mas recusou.

Tião trabalhou alguns anos na captura, compra e venda de guaiamum para um comerciante da cidade de Recife em Pernambuco. Ele além da pesca, também catava o guaiamume vendia para esse comerciante. Como ele uma vez argumentou, muitas vezes as pessoas preferem o sabor da carne do guaiamum a do caranguejo.

O guaiamu é uma variedade de caranguejo que não gosta de lama, que não vive dentro da lama como os outros caranguejos. Vive no seco, nas terras enxutas das margens dos rios. Não se lambuza de lama como os outros caranguejos. (CASTRO, 2003,p. 25)

Sua mulher Vanice também desenvolve outras atividades além da pesca. Faz faxina em algumas casas, limpa o peixe e faz o filé. Também faz tapetes com tiras de tecidos – os chamados retalhos – e trabalha revendendo roupas para vendedores que deixam em sua casa, pagando comissão sobre as peças vendidas.

Seu ofício foi passado de geração para geração. Seu pai Coriolano passou para ele e ele passou para seu filho Iago que é pescador profissional e também sabe construir e fazer consertos em instrumentos de pesca. Iago assim como seu pai permaneceu a profissão por amor ao ofício e ao sentimento de liberdade que vem ao desempenhar a pesca, mas muito tímido e de poucas palavras. Na entrevista seu pai falava do seu sentimento e do porque de permanecer na profissão até hoje e quando eu o perguntava para saber um pouco do seu sentimento e de sua escolha falava que tinha sido pelos mesmos motivos de seu pai. É possível entender um pouco do que estou falando em relação à ideia de “liberdade” que a pesca traz quando Tião fala:

“Só pesquei e foi por amor mesmo a profissão. O negócio meu é pescar mesmo. Pesquei por amor a profissão mesmo, é de coração é paixão mesmo. Nunca trabalhei para ninguém. Não gosto de ser mandado. Não gosto de regras. Quem dita as regras da minha vida sou eu mesmo”.

Quando perguntei a Tião as modalidades de pesca que desenvolvia no seu dia a dia como pescador ele respondeu:

“Toda modalidade. Tudo que você imaginar na área da pesca eu faço. A modalidade é o que ta dando o produto. Tem o produto eu vou fazer. Se tiver dando camarão, eu vou pescar camarão. Se tiver dando siri, eu vou pescar siri. Se tiver dando robalo eu vou pescar o robalo, se tiver muito guaiamum eu vou caçar guaiamum. Tendo o peixe eu vou atrás seja de qual modalidade for”.

Notempo que passei em Gargaú observei Tião passando por uma fase muito difícil na pesca. Ele por muitas vezes saiu com seu filho Iago para pescar e voltou com um ou dois robalos e, algumas vezes, voltou sem nada. Durante semanas ele ficou nessa fase ruim e

dando um jeito de fazer alguns “bicos”²⁹ e indo pescar depois de terminar esses trabalhos. Um exemplo desses “bicos” foi a cancela que pegou para fazer.



Figuras 79 e 80—A primeira foto mostra a cancela feita por Tião. A segunda mostra Tião construindo um pequeno portão.

Fonte: Graziéli, 2016.

Depois de passada a fase ruim Tião esperou a maré de lua cheia e nova para ver se dessa vez teria o peixe. Ao sair para pescar no “macaco” Tião viu que tinha o peixe, mas eles estavam entre os galhos, e a pesca teria que ser feita à mão. Ele e seu filho começaram a “pescar tainha de mão”. Não acreditei quando eles chegaram e me chamaram para ver os peixes. Eram grandes e quando Iago falou que as tinha pego com as mãos, não acreditei. Cheguei a pensar que ele estava brincando e disse, “fala sério, pegou de quê?” e ele mais uma vez respondeu “de mão” e foi aí que vi que não era brincadeira. O peixe era grande para pescar de mão e ele falou que tinha muito peixe só que tinha de tomar cuidado, pois a tainha pula da água e muitas vezes bate em quem está pescando. Tião explicou que:

“A pesca de mão tem que ser feita com cuidado e exige tempo, paciência e também força de quem vai pescar. O peixe na água tem muita força e às vezes escorrega, por isso, quando agarramos o peixe é preciso segurar com força para ele não escapar e com cuidado para não se machucar. E, ao mesmo tempo, é preciso tomar cuidado com os outros peixes que saltam da água”.

Tião sabe bem o que é isso. Perdeu alguns dentes por causa desses peixes que saltam da água. Nesse dia Iago contou que uma tainha bateu em sua barriga. Em outro dia de pesca uma tainha ao saltar da água bateu na boca de Iago, onde teve a parte interna toca cortada

²⁹ Nesse caso, o “bico” que Tião faz é para complementar sua renda na pesca. São pequenos trabalhos que pode desenvolver sem interferir na sua principal atividade como: a cancela, os portões, consertos e instalação de portas e janelas, entre outros que aparecem ele faz.

saindo muito sangue. Falei então para eles usarem óculos de proteção, pois Tião uma vez quase perdeu a visão de um olho quando uma tainha bateu nele. Nas pescarias seguintes usaram então os óculos e me chamaram para acompanhar na próxima. Falei que iria – com medo de perder um dente, pensei eu, mais iria. Nas fotos abaixo mostro os peixes da primeira pescaria de mão.



Figura 81- Tainhas que Tião e Iago pescaram de mão.

Fonte: Graziéli, 2016

A pescaria que tive a oportunidade de acompanhá-los foi no dia 06 de março de 2016 e a modalidade utilizada foi a pesca de molinete. Nesse dia saímos por volta de 12:00h e já estava bem quente. Seguimos para o “macaco”, eu de carro com Tião e Iago e meu marido de moto, caso precisasse voltar mais cedo. Ao chegar somente o som dos pássaros e do vento nas árvores. A maré estava baixa e ficaríamos pescando enquanto ela estava enchendo. Tião achou um local e parou a bateira atravessada e eu e meu marido em outra paramos próximos dele. Ele e Iago colocaram uma blusa na cabeça para proteger do sol e ficaram na bateira. Meia hora depois de ficar naquele sol comecei a sentir uma dor de cabeça muito forte. Então tiramos a bateira dali e paramos debaixo de uma sombra. Alguns minutos depois a dor já estava passando, a dor de cabeça veio por ficar exposto no sol que estava forte. O lugar é muito bonito e a pesca pode até ser divertida para alguém que faz de vez enquanto, mas para quem precisa dela para viver é um verdadeiro teste de paciência e persistência. Durante horas que ficamos lá Tião e seu filho só pegaram um robalo, meu marido também pegou um e eu não consegui pegar nenhum. É cansativo ficar jogando e colhendo a linha do molinete, seus braços cansam e seu corpo também. E como eles falam: “com o tempo a pessoa acostuma”.

Durante as quatro horas e meia que permaneci pescando na sombra, Tião e seu filho ficaram no mesmo lugar debaixo de sol³⁰. Mas, é como Tião diz:

“Você tem que ter muita paciência para conseguir pescar. Você faz a sua parte, que é atrair o peixe com a isca. Mas só isso não basta, a natureza tem que fazer a sua parte; você vai até o peixe, mas no final é ele quem te escolhe”.



Figura 82—Tião e Iago pescando de molinete
Fonte:Graziéli, 2016

Assim pude acompanhar um pouco de Tião na pesca e da pesca em Tião. Uma relação que vai além da necessidade de acumular excedente. Onde sua necessidade maior é viver com liberdade, podendo estar presente com sua família e fazendo o que o faz realizado. O amor à profissão é uma prova de que uma realização profissional não está ligada ao tanto de dinheiro que se ganha e sim como se consegue viver com pouco e desfrutar da vida em sua liberdade. Ser dono do seu tempo, não aceitando ter um valor estipulado para cada hora do dia. O trabalho de campo me deu a oportunidade de experimentar, ainda que extraordinariamente, um pouco da vida de alguns de meus familiares no desempenho cotidiano daquilo que define o lugar deles no mundo: a pesca artesanal. Creio eu que o diagrama abaixo ilustra, com conceitos – aqueles que percebi como mais importantes – a relação que estes meus familiares tem com a vida.

³⁰Todo esse tempo exposto ao sol trouxe consequências a Tião, assim como para meu pai que já passou por várias cirurgias devido a câncer de pele causado pela exposição ao sol durante várias horas. Mesmo fazendo uso do protetor é necessário que seja repassado de duas em duas horas e isso não acontece. Hoje Tião faz uso do protetor solar, mais durante muitos anos desenvolveu suas atividades exposto ao sol e sem proteção. Hoje eles sentem na pele as consequências de anos e anos de trabalho ao sol. Meu pai durante esses últimos meses de trabalho, mais especificamente em julho passou por uma cirurgia de câncer de pele no nariz, onde demorou a cicatrizar devido a cirurgia ter inflamado e vez duas raspagem. Tião assim como meu pai terá que operar novamente, segundo ele ainda esse ano.



Figura 83

Fonte: Rodrigo Terra.

2.10. A construção da bateira, ou como duas gerações trabalham juntas.

Aqui mostrarei duas gerações diferentes trabalhando juntas. Deixando aflorar suas diferenças e visíveis os conflitos que surgem quando pai e filho estão trabalhando em um projeto juntos. Ao contrario de Tião com Iago, o trabalho de pai e filho não se mostrou tão harmonioso e concordante como esperava que fosse.

Decidi acompanhar Laudo na construção de uma bateira que iria realizar com a ajuda de seu filho mais velho Fagner. Ele nunca tinha construído um barco antes, essa seria a primeira vez. Seu pai detentor do conhecimento e técnica de construção seria quem iria guiar o projeto, pelo menos seria essa a ideia inicial. Só que nem tudo ocorreu como eu esperava, mais uma vez para minha surpresa.

Durante a construção da bateira foi que vi os conflitos que envolviam a velha e a nova geração. Aqui vou explicar passo a passo como foi a construção dessa embarcação e a convivência de pai e filho durante esse trabalho.

Para construir uma bateira, o primeiro passo é decidir de que tamanho será a embarcação e a madeira que será utilizada nela. A bateira que vou acompanhar sua construção será de seis metros de comprimento e a madeira utilizada será o jequitibá.

Foram utilizadas cinco tabuas de 6 metros de comprimento por 30 cm de largura, um caibro de 6,5 metros, duas ripas de 6,5 cada, um pranchão de 0,6m e uma peça de 7 X 11 de 0,5m. O caibro, pau de proa, de popa e as ripas são de garapa. Também foram utilizados 1 kg de prego, e dois potes de cada cola.

A madeira ficou secando durante cinco dias, pois estava muito verde. Sua secagem foi realizada, tendo a madeira ficado na varanda protegida do sol e sereno. Caso essa madeira ficasse exposta ao sol e sereno durante todos esses dias, ela poderia ficar empenada, podendo comprometer a construção da embarcação por não estarem retas. Depois de estarem mais secas é que começou a construção. A madeira deve ser escolhida com cuidado para que tenham a mesma altura e largura, ou o mais próximo possível.

Era um dia de sábado, 16 de abril quando a bateira começou a ser construída. Seria ela feita por Laudo e seu filho mais velho Fagner que ajudaria no que fosse possível. Era 07h50minh da manhã de sábado quando eles começaram os trabalhos. A primeira coisa a ser feita, foi o preparo da madeira. Esse preparo era lixar a madeira para então ser trabalhada. Fagner foi quem fez essa parte de lixar todas as tábuas, ele lixou o lado que seria a parte interna da bateira, e enquanto isso, Laudo estava buscando o restante das ferramentas que iria utilizar. Ele até tentou lixar, mas seu filho falou que não estava bom e que precisaria lixar mais. Então ele assumiu essa parte enquanto Laudo resolvia a outra.



Figura 84 e 85 - Lixadeira e esmerilhadeira utilizadas para lixar as tabuas. Na figura esta a tabua com a metade lixada e metade sem lixar.

Fonte:Graziéli, 2016

As ferramentas utilizadas para lixar as tabuas foram uma lixadeira e uma esmerilhadeira, adaptada para trabalhar com madeira, pois é muito mais leve e fácil de

manusear. A adaptação foi colocar um prato de lixadeira com um disco de lixa. A diferença entre as duas além do peso, é que a esmerilhadeira que foi adaptada tem uma quantidade de rotação por minutos muito maior, sendo de 12.000 RPM³¹, enquanto a lixadeira, não passa de 6000 RPM.

Assim como já havia observado no trabalho de tio Onofre com os barcos de maior porte, onde ele não utilizava nenhum equipamento de segurança, o mesmo ocorreu com Laudo seu irmão trabalhando. Seu filho Fagner, antes mesmo de chegar ao local de trabalho (um terreno ao lado de sua casa que seu pai toma conta), já havia separado macacão, luva, bota e óculos de proteção. Já tio Laudo estava de sandália, bermuda e sem luvas, onde o único equipamento de proteção que utilizou algumas vezes foram os óculos de proteção.

Já começado o dia de trabalho, enquanto Fagner estava lixando seu pai estava preparando o pau de proa (frente), o mesmo ficaria com 6 cm, tendo removidos 4 cm, dois de cada lado.



Figura 86- Pau de proa
Fonte: Graziéli, 2016.

Essa parte que estava marcada foi retirada com a plaina elétrica até chegar a parte desejada. Depois de chegar às marcações e na medida correta, ele foi lixado com a esmerilhadeira, onde deu o acabamento e ficou bem liso e sem farpas aparente.

Acompanhar essa parte da construção não estava sendo fácil, tinha muito pó de madeira e eu estava espirando muito. Já tinha pó para todo lado e por todo o corpo, tanto meu

³¹Rotações por minuto.

como de tio Laudo e Fagner, mas continuava acompanhando de perto para não perder nenhum detalhe.

Depois de lixar as madeiras, era hora de começar as marcações das tabuas e começar a cortá-las. As duas tabuas que ficariam nas laterais seriam cortadas para serem presas com uma inclinação de 5 cm, o que diferencia o fundo da embarcação da parte superior.

Depois de feitas as marcações para o corte, a peça que seria utilizada na popa, foi colocada sobre uma mesa de cimento e presa com o “sargento” para que não corresse e só depois cortadas com a serra mármore com o disco de madeira ate certo ponto, devido a peça ser muito grossa não foi possível cortar de uma vez só. O restante seria então cortado com o serrote e depois lixado para dar o acabamento.



Figura 87- Laudo serrando o pau de popa
Fonte: Graziéli, 2016

Depois de preparada a madeira da popa e da proa, seria hora de começar a trabalhar com as tabuas que já estavam lixadas. Para ter como molde da lateral da bateira foi utilizado um vergalhão de 2,5, sendo ele fino e fácil de envergar para fazer os contornos da lateral. Depois de ter comprado o vergalhão e ter dado uma paradinha para tomar um café e beber uma água já passava das 11:00h da manhã e retornariam agora para medir, marcar e cortar as tabuas. Enquanto isso os dois seguiam discutindo as marcações, tamanhos desejados e qual deles ficariam melhores, pois havia ali uma discordância entre os dois nas medidas seguintes. Em meio à discórdia Fagner falou para seu pai: “Pai, se o senhor trabalhasse em uma empresa, seria demitido na primeira semana. Ia querer mudar o projeto do engenheiro todo.” Fagner não entendia como seu pai conseguia construir, sendo que cada hora falava uma medida diferente e não tinha uma referencia para seguir como medidas, inclinações e

cortes. Fagner debatia as medidas com seu pai para tentar entender o porquê da medida e se poderia melhorar.

Isso dificultava o trabalho e atrasava também, além de me deixar totalmente confusa e sem saber o que escrever. Cada hora que escrevia uma medida tinha que mudar em seguida. A questão não era ter dúvida em uma ou outra medida, e sim ter dúvidas em vários pontos ao decorrer da construção. Depois de toda essa discussão era hora de marcar as tabuas que seriam as laterais da bateira, tendo o corte da proa de 6 cm, e o da popa com 8 cm, ficando o meio com 2,5 cm, onde foi usado o vergalhão para marcar e os pregos para segura-lo, deixando claro o formato da inclinação. Depois disso foi passado um lápis para marcar onde estava o vergalhão e cortar logo em seguida.



Figura 88 e 89- Tabuas sendo marcadas e cortadas por Laudo
Fonte: Graziéli, 2016

Para cortar a tábua foi utilizada a serra mármore com disco de madeira. Ela será sempre utilizada para fazer os cortes. Como mostra a foto à cima, a tabua foi colocada sobre a mesa de cimento, presa com o sargento e depois cortada, estando ela presa e quem andava era Laudo levando a máquina até o término da tabua, ao contrário do estaleiro de Onofre onde a máquina que corta é fixa e quem fica em movimento é a pessoa que faz o manuseio com madeira. Ao serrar a madeira é extraído um pó, que será utilizado mais tarde no processo de colagem da bateira. Depois de cortar as duas tabuas que serão elas a lateral da bateira foi feita uma pausa para o almoço, era 12h15minh e eu já estava bem cansada confesso. Acompanhar esse preparo da madeira, medidas, cortes e todo esse vai e vem na escrita estando na maioria

das vezes de pé e com pó de madeira por todo o corpo trazendo consigo aquela coceira irritante, tornando todo esse processo exaustivo.

Retornamos às 14h40min e agora seria a parte de pregar as tábuas para começar a dar formas a bateira. Antes disso, seria cortada a tábua utilizada para fazer o arco, uma abertura na parte central para conseguir fazer com que a parte superior tenha uma largura maior do que o fundo. Foi cortado então um pedaço da tabua, com 30cm de altura com uma inclinação de 5cm de cada lado, tendo em sua parte superior 1 metro e a inferior 90 cm para fixá-la do meio para frente dando o formato a bateira.



Figuras 90 e 91- Laudo e Fagner pregando o pau de proa de popa
Fonte: Graziéli, 2016

A proa foi cortada com uma inclinação de 22 cm e a popa com 12cm. Já estando todas as peças com suas devidas inclinações, era a hora de colocá-las em seus lugares. O primeiro passo no processo de pregação foi colocar a primeira tabua no pau de proa. Foram feitos quatros furos com a furadeira e depois colocados o prego, esse processo foi feito para não forçar a madeira correndo o risco de lasca. Eles pregaram as duas tabuas no pau de proa e depois pregaram somente uma no pau de popa. Antes de pregar a segunda teria que ser colocado o arco.



Figura 92 – A bateira depois de colocada o arco
Fonte: Graziéli, 2016

Depois do arco colocado, foi pregada a segunda tabua no pau de popa utilizando três pregos e começando dar forma a bateira. Agora fica mais visível o papel do arco, onde sem ele ficaria impossível alcançar esse formato. Quando vi sem o arco fiquei assustada e com medo de não dar certo. Na figura de numero 90 é possível entender o porquê do meu medo. Terminada essa etapa, era hora de começar a marcar e cortar as tabuas do fundo da bateira. Nesse dia, foi colocada somente uma primeira tabua e estariam encerrando naquele dia para retornar no seguinte era 17h30min quando pararam.

No dia seguinte, 17/04/16 as 08h00minh foi quando eles retornaram para dar continuidade ao processo de construção. Retornaram marcando as tábuas e cortando para fazer o fundo e então fechar a bateira. Em uma das fotos que ele aparece passando o serrote entre as tabuas antes de pregá-las é para que o encaixe entre as tabuas fique com o mínimo de falha possível. A tabua é colocada no lugar, presa com dois pregos, um em cada ponta só para segurara-la enquanto o serrote é passado, depois elas são pregadas e esses pregos provisórios são retirados.



Figura 93- Laudo passando o serrote entre as tabuas do fundo da bateira
Fonte: Graziéli, 2016

A etapa de corte da madeira era Laudo quem fazia por saber manusear as máquinas. Seu filho Fagner ficou com a parte dos detalhes e acabamentos onde as discussões aumentavam. Foi ele quem lixou toda a madeira, sempre com muito cuidado, aonde seu pai chegou a reclamar que ele lixava demais e não precisaria tanto. Laudo era quem dominava a técnica da construção do projeto, mas notei que tiveram alguns deslizes, e se não fosse suas discussões com seu filho, acredito que algumas coisas teriam dado errado e não teria o resultado final que tivemos. Isso ocorreu quando Laudo foi fazer o corte do pau de proa, tendo errado na inclinação e tirado demais na máquina, ficando uma falha grande na parte interna da bateira entre a tabua da lateral e o pau de proa que foi preenchido mais tarde com a cola para não ficar visível. A diferença entre o trabalho dos dois era visível. Um querendo terminar logo e pouco preocupado com detalhes e acabamentos, outro muito detalhista e preocupado com acabamentos que segundo ele é o que faz a diferença entre o trabalho das pessoas. Em algumas fotos é possível notar que a bateira estava sendo mudada de lugar. Na medida em que o sol ia ficando forte a bateira tinha que ser mudada de local para facilitar o trabalho. E assim eles seguiram colocando as tabuas do fundo tendo utilizado oito pregos em cada tabua, quatro de cada lado. Quase terminando o fundo, eles pararam para o almoço era 12h38minh, para depois então fechar o fundo.

Retornaram 15h00min, para então fechar o fundo da bateira, sempre com um acerto ali com a plaina outro ali com a lixadeira e assim eles foram terminando de colocar o fundo da bateira.

Depois do fundo pronto, era hora de repuxar os pregos para Fagner lixar a parte externa da bateira, já que ele lixou somente a parte interna. Laudo foi quem começou

repuxando os pregos, então Tião chegou na hora e orientou que ele não estava repuxando o suficiente e na hora que Fagner fosse passar a lixadeira iria pegar nos pregos, podendo sair faísca, machucá-lo e estragar o disco. Então ele pegou para fazer e repuxou todos os pregos do fundo.³²



Figuras 94 e 95- Tião repuxando o fundo da bateira
Fonte: Graziéli, 2016

Depois de feito o repuxo, Fagner começou a lixar a bateira e começou pelo fundo. Depois de lixada, Laudo falou que seria melhor colocar logo a sobre quilha e deixar a madeira secar por mais alguns dias, pois ainda estava muito molhada e só depois de secar é que iria fazer o processo de colagem. Tião mais uma vez estava ali conosco e falou que o melhor a fazer seria passar a cola e colocar a sobre quilha em seguida, porque assim a esta ficaria por cima da cola proporcionando mais firmeza e também falou que a bateira não poderia ficar todos esses dias que Laudo falou que deveria ficar secando a madeira. O melhor a fazer seria passar a cola na bateira, colocar a sobre quilha deixar secar somente uns três dias, passar o zarcão e colocar de uma vez na água para não ondular o fundo. Segundo ele se ficasse muitos dias secando, quando colocasse na água a madeira iria ondular. O trabalho de domingo parou por aí, Fagner terminou de lixar a bateira e logo depois ela foi colocada na varanda para secar durante três dias protegida do sol e sereno.

Durante os meses que permaneci em Gargaú vi que entre os irmãos, no caso meus tios, dificilmente eles concordam estão desempenhando alguma atividade. Cada um da uma

³²O repuxo nada mais é do que afundar o prego na madeira. É utilizado para isso um pino de carga para fazer a função do punção e com uma marreta vai batendo até ficar mais para baixo.

opinião diferente sobre o mesmo assunto. Durante a construção dessa bateira, sempre aparecia um e dizia: “rapaz você tem que fazer assim”, outro aparecia e dizia: “ se fizer da maneira que estou te falando, vai ficar bem melhor”. Então percebi que não era o conflito existente entre a antiga e nova geração, e também entre eles da antiga geração.

Fiquei então pensando que depois de observar cada um dando um palpite diferente sobre o mesmo barco a ser construído, como seria colocar todos eles para construir um barco. Queriam ali mostrar cada um o seu conhecimento e provar que da sua maneira seria o correto. Reconhecer que o outro é detentor do conhecimento e da técnica como ele é algo quase impossível. Foram raras as vezes que vi nas conversas do quintal de minha avó, os irmãos concordando em alguma coisa.



Figuras 96 e 97- Fagner lixando a bateira e depois de lixada, a colocando na varanda com Laudo
Fonte: Graziéli, 2016

Na quinta feira era 08h00min quando retornaram os trabalhos. A primeira coisa que foi feita, foi retirar todas as sobras de madeiras e lixar para fazer o acabamento antes da cola. Esse excesso foi retirado por Laudo com a plaina e Fagner veio depois acertando com a lixadeira. É um trabalho minucioso de pequenos detalhes e medidas que podem e fazem toda diferença, exigindo o máximo de atenção e cuidado de quem esta trabalhando. Em um dos momentos em que seu filho Fagner estava lixando Laudo falou: “*Faguinho é muito detalhista, se fosse minha já tinha acabado há muito tempo. Isso no serviço vale muito*”.

Estavam, pela primeira vez, pai e filho, gerações diferentes trabalhando na construção de um barco, onde as diferenças se tornam visíveis e como foi possível o casamento delas para construção da bateira. No inicio, achei que não fosse dar certo, eram muitos pontos de

divergência, os detalhes, a calma para desenvolver o trabalho, o olhar antes de cortar as madeiras para ver se era isso mesmo, a pressa em terminar e o olhar atento no acabamento.

Agora, lixada por completa, a bateira é posicionada para colocar o banco do meio. Foi nessa hora que o arco foi retirado da bateira, para se tornar um dos bancos. O banco do meio ficou com 1,06m de comprimento e com 24 cm de largura, ele será encaixado na vista e ficou com 2,87 m de distância tanto dele para a proa, quanto dele para a popa. Depois de colocado em seu devido lugar, era hora de colocar a vista, que foi cortada e seria colocada a partir do banco, tanto do banco para a proa, quanto do banco para a popa(vista nada mais é do que a peça que sobrou das tabuas da lateral, onde foi marcada com o vergalhão). Depois de colocada a vista, furada e pregada de um lado eles pararam para o almoço pó volta das 13h00minh e retornaram as 15h00minh para então fazer o outro lado.

Com as vistas já colocadas, era hora de prender os outros dois bancos, o da popa e da proa. O banco da popa ficou com 50 cm de distancia medido a partir da madeira da popa. Já o banco da proa ficou com 90 de distância da proa.

Esses dois bancos, da proa e da popa, ao contrario do banco do meio, seriam encaixados na vista. Depois de medido e marcado o local do banco, foi retirado um pouco da madeira da vista com um formão e feito o encaixe do banco finalizando com os pregos.



Figura 98- Banco depois de encaixado na vista
Fonte: Graziéli, 2016

O banco do meio já encaixado era hora de acertar o pau de proa, já que teria sido melhor ter colocado encaixado e não foi feito assim. Então na sexta feira, Tião era quem iria fazer esse acerto já que é ótimo para acabamento e muito detalhista. Na sexta era 10h00minh quando começaram a acertar o pau de proa, foi colocado outro pedaço de madeira com pregos

e cola para depois lixá-lo e fazer os acertos finais. O pedaço de madeira ficou secando com cola e enquanto isso foi colocado o banco da proa da popa, tendo começado mais tarde na sexta eles resolveram parar mais cedo. No sábado bem cedo, 07h30min, eles começaram a acertar a madeira que foi colocada no pau de proa.

Depois foi a vez da borda, enquanto eles se preparavam para colocar as bordas, foi passada cola no fundo da bateira da parte interna para ir adiantando o processo de colagem.



Figura 99- Cola sendo preparada com pó da madeira para a colagem da bateira
Fonte: Graziéli, 2016



Figuras 100 e 101- Eu e Laudo colando a bateira
Fonte: Graziéli, 2016

Depois das bordas colocadas, era hora de fazer toda a colagem da bateira preenchendo as imperfeições da madeira e tapando os pregos com cola. Depois de aplicada a cola foi colocado o caibro (sobre quilha) no meio da bateira para dar firmeza no fundo.



Figura 102- Sobrequilha sendo colocada
Fonte: Grazieli, 2016

No processo de instalação da sobrequilha, o furo para pregação foi feito em dois processos. O primeiro foi furar com uma broca fina e depois vir com uma mais grossa por cima para possibilitar o prego ficar mais fundo.

Estando a bateira toda colada, no domingo Fagner lixou e logo depois foi aplicado o zarcão por duas vezes. O zarcão serve para evitar dar bichos na madeira. No mesmo dia depois de seca, ela foi colocada na água e estava pronta. Teria agora só que fazer a pintura para finalizar.



Figura 103 e 104- A bateira sendo colocada na lagoa depois de pronta.
Fonte: Grazieli, 2016

3. REPENSANDO O CAMPO: BREVES REFLEXÕES E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A pesquisa de Iniciação Científica, que aqui se consolida no gênero de um relato etnográfico – estilo este notabilizado desde a publicação dos *Argonautas do Pacífico Ocidental*, em 1922³³ – teve como sua principal questão entender os motivos que levou parte considerável de minha família, sobretudo da geração dos meus pais, a permanecer no ofício pesqueiro. A maior parte da pesquisa foi desenvolvida em Gargaú, distrito de São Francisco de Itabapoana, mas não ficando circunscrito a ele. Alguns dos interlocutores mesmo já tendo morado em Gargaú durante anos, foram para Barra de São João e Cabo Frio, em busca de uma “vida melhor”. Mas a ideia de “vida melhor, como a etnografia tentou mostrar, esteve sempre associada à atividade pesqueira e às habilidades com trabalhos manuais relacionadas à ela. Então, essa pesquisa teve interlocutores em Gargaú, Barra de São João e também Búzios, evidenciando o movimento – ou o fluxo – da família pelo litoral fluminense.

Durante o desenvolvimento da pesquisa me deparei diversas vezes com os desafios de uma pesquisa “domestica” na qual, que por mais que buscasse a todo o momento tomar alguma “distância” do meu objeto de pesquisa, me percebi inúmeras vezes, com dificuldade de realizar esta recomendação metodológica. Ao chegar ao fim da pesquisa – na materialização deste relato etnográfico – entendo agora, com mais clareza, que eu nunca deixei de ser a Graziéli. Mesmo tentado me colocar no campo como pesquisadora, para meus “interlocutores” – porque não dizer, para meus familiares? – eu sempre serei a Grazi. Um exercício de tamanha dificuldade, onde o “conhecido” e o “familiar”, não era tão familiar como eu imaginava. Tive me aproximar da história da família, os relatos, ver fotos e ouvir

³³ MALINOWSKI: 1922 [1984].

conversas que estabeleciam as conexões entre o presente e o passado, fazendo com que as pessoas voltassem no tempo, ao mesmo tempo em que provocava um posicionamento deles sobre a pesca artesanal nos dias de hoje.

O trabalho de início foi realizado através de entrevistas, participações atentas nas conversas e, de modo inicialmente “errante”, observando sem muita pretensão a “movimentação do quintal”. Quintal esse onde moram quatro filhos e um deles pesca até os dias de hoje seguindo, portanto, os caminhos profissionais do pai. No início estive muito tímida e isso me trouxe algumas dificuldades para tentar entender o complexo universo da pesca. Somente no momento da pesquisa de campo em que pude participar das atividades com eles – desde observar a confecção ou reparo de instrumentos como redes e armadilhas, até a participação na cata de caranguejo e nas pescas de minjoada e de molinete – foi que me senti mais à vontade com meus familiares, bem como me percebi, aos poucos, mais inteirada do assunto. O trabalho de campo e os métodos associados à ele – a observação participante, a entrevista, a história de vida, história oral, entre outros – me proporcionou o acesso a um conjunto de relações que mesmo se desenrolando dentro de minha própria família, eu desconhecia quase que por completo.

Quando comecei a pesquisa de campo achava, ingenuamente, já ter uma resposta para sua questão principal. “Segui” meus interlocutores para entender porque mesmo uma atividade que se revela tão dura e difícil – além de não ter o devido reconhecimento social, tal como argumentam meus familiares – a maioria deles optou por permanecer pescando ou trabalhando indiretamente com isso. Assim, como José Colaço mencionou em seu trabalho, a descrição detalhada das atividades de captura evidencia como os pescadores se relacionam com o ambiente em que vivem e trabalham³⁴. Dito de outra forma ficou mais claro para uma observadora, em princípio, desatenta, como a pesca, pensada como ofício, é justamente aquilo que dá sentido para vida deles.

Ao contrario do que relatei na passagem sobre a estigmatização sofrida pelas populações que vivem da pesca – e que eu senti, tal como exemplo, dentro da própria escola onde estudei – a aproximação das pessoas de minha família que viveram ou vivem da pesca me apresentou um universo rico de conhecimentos, habilidades e histórias. Muitos relatos trazidos nesta etnografia tentam colocar luz sobre estas características. Como descrito, alguns de meus familiares conjugam mais de um trabalho – e assim fizeram a vida toda. Mas, pelo

³⁴COLAÇO: 2015.

que observei, é na pesca que eles se realizam à despeito de toda dureza do ofício. Acompanhei homens e mulheres que, apesar da simplicidade material de suas vidas, encontraram na pesca um caminho para estabilidade familiar e realização pessoal. Sobretudo, como o texto tenta mostrar, em relação às gerações mais velhas.

Ser um pescador artesanal é fazer parte de um grupo social que se identifica, através do trabalho que realiza, enquanto um coletivo e em associação com a natureza de uma maneira muito simbiótica. É difícil a compreensão disto por quem foi educado em centros urbanos no qual o ritmo de vida, o tempo e a relação sensível com o mundo são configurados de modo muito diferente. Eu mesma, por exemplo, assim como muitos primos de minha geração, não tive este contato profundo com o ofício e tudo que ele envolve. Por isso, talvez, nossa incompreensão com o modo de vida das gerações antigas. Minha geração está “aqui e lá”, entre uma família de pescadores do litoral norte do Rio e as possibilidades, desconhecidas, porém sedutoras, da vida desgarrada da família e em outras cidades.

Não é minha intenção aqui dizer que “pescador não se preocupa em ganhar dinheiro” ou em “ter uma vida melhor e confortável”. Fazer parte desse mundo é fazer parte de um mundo repleto de significados por aqueles que praticam a pesca artesanal. O que de mais importante que ele tem, é a liberdade de trabalhar e no que gosta sem ter que trabalhar aquela quantidade de horas por dia e ganhar por horas trabalhadas sem precisar ser, como escutei de vários deles, “escravo do relógio” ou “de um patrão”. É também verdade que seguir nessa profissão tem um preço: e esse o preço é o da incerteza.

Como já revelei, mesmo sendo filha de pescador, a verdade é que da profissão em si eu pouco sabia. Um pouco que ficou percebi como quase nada diante da complexidade que tomei conhecimento no desenrolar do trabalho de campo acompanhando diretamente o trabalho que meus tios e primos realizam todos os dias. No entanto, eu não observei, apenas. As experiências de sair para pescar e catar caranguejo no mangue, me fizeram sentir o que representa ser um pescador artesanal para cada um deles. Assim como ter visto em ação seus os seus saberes, suas técnicas, e sua relação com o extramundano – Deus – cujos muitos de meus interlocutores acreditam ser o único patrão que eles tem.

No caminho percorrido, comecei buscando entender o início da história de minha família em Gargaú. Depois dela, me aproximei de meu pai, tios e primos. Vi que a antiga geração começou a desenvolver a pesca artesanal através de meu avô e com objetivo de complementar a renda familiar. Aos poucos, ainda que para muitos deles informalmente, a

pesca se tornou a profissão principal durante muito tempo e até os dias de hoje. Alguns por não terem tido a oportunidade de seguir mais adiante com os estudos, continuaram com a pesca, mas isso não foi um padrão. Mais tarde pude ver que mesmo aqueles que tiveram como continuar com os estudos, escolheram seguir os passos dos pais e continuaram na pesca. Alguns saíram de Gargaú em busca de algo melhor, outros continuaram por lá tendo a certeza de que aquilo era o melhor.

A pesca e atividade associadas, portanto, foi desenvolvida pelos os homens da família de treze filhos de dona Genuína. Oito filhos homens que desenvolveram durante anos o ofício que foi ensinado pelo pai e alguns em consórcio com suas esposas. Segundo alguns interlocutores, eles seguiram na pesca por não ter outra coisa que pudessem realizar com o pouco de estudo que tinham. O que aparecia de trabalho e ou “bico” para fazer eles faziam. Alguns saíram temporariamente da pesca para a realização de outras atividades, mas depois retornaram. Outros, por sua vez, nunca saíram.

No caso de alguns como, por exemplo, Tião e Dedé, seria impossível compreender o que a pesca significa para eles só com palavras. É uma relação que vai além do acúmulo de dinheiro e da busca incansável de adquirir bens materiais. Eles pensam e praticam a pesca colocando em evidência uma de relação amor, liberdade e, ao mesmo tempo, de valorizar a família.

Convivendo nesse círculo que Iago, um exemplo da nova geração, foi vendo em seu pai o que ele queria para si. Desde pequeno era habilidoso com a tarrafa e não desgrudava do pai em suas pescarias. Mais tarde, mesmo seu pai expondo as dificuldades da profissão, Iago não se via sendo outra coisa a não ser um pescador. Ele escolheu esse caminho e pesca hoje com seu pai e também sua mãe, não tendo, segundo ele, se arrependido da sua escolha.

Mas, como a etnografia tentou mostrar, não foi assim com todos. No caso de Teca, que trabalhou durante anos em peixaria e é pescadora, viu na profissão uma saída imediata para o caminho que sua vida estava seguindo. Tendo engravidado muito nova, começou trabalhando na peixaria para ajudar no orçamento. Depois junto com o trabalho na peixaria começou a pescar com o objetivo de obter uma renda extra. Segundo ela, é algo que gosta de realizar, por se sentir bem, tanto que continua pescando até hoje. Mesmo desenvolvendo outras atividades, Teca não deixa de pescar. Ela gosta do que faz e fala com orgulho do que conquistou estando na área da pesca, no entanto, sempre que pode chama a atenção para as dificuldades contidas na profissão. Tanto que não deseja esse futuro para seus filhos. Ela hoje pesca, mas sonha

uma vida bem diferente para eles. Segundo ela, as consequências dessa vida de pescador não são imediatas. São sentidas no futuro: a saúde prejudicada por anos e anos de trabalho pesado e de exposição a sol e maresia. Lembra bem que é um preço que muitos não estão dispostos a pagar.

Enfim, este exercício de campo que tentei descrever aqui não teve a pretensão de criar nenhuma teoria inovadora sobre a pesca artesanal no litoral norte fluminense. O que pude observar, nesta “pesquisa doméstica” é que as histórias de meus familiares – cuja maior parte delas era desconhecida para mim – revelam pistas sobre como as gerações mais antigas de como pescadores artesanais lidam com profissão e, por que não dizer, com a vida.

Questões importantes e já discutidas numa conhecida literatura antropológica e sociológica que tomou como objeto o ponto de vista e as práticas de povos e populações tradicionais associadas à atividade pesqueira ou extrativista apareceram aqui em histórias contadas e sentimentos compartilhados por meus familiares: as ocupações profissionais e ofícios associados à pesca e as questões da dedicação exclusiva à atividade de captura; a dureza do trabalho que incide desde o desgaste corporal até os momentos de penúria pela falta de peixe e pelas incertezas do ofício; o artesanato da profissão que vai desde o conhecimento do ambiente, das técnicas e modalidades de captura, passando pela complexa confecção de redes, armadilhas e apetrechos em geral; a estigmatização da atividade face à outras profissões consideradas “mais nobres” e “mais estáveis”; as incertezas sobre o futuro da profissão, uma vez que, para a maioria dos pescadores, o destino da vida está nas mãos de Deus e não deles mesmos.

Particularmente em relação a esta última característica – a relação com o futuro – a pesquisa aqui apresentada deixou imensas lacunas que só poderão ser compreendidas, talvez, com uma nova investigação que tome como interlocutores principais as gerações mais jovens e que permita interpretações sobre as percepções que estas tem do ofício de seus pais e das motivações que as fizeram seguir por outros caminhos. Assim como eu.

Que venha, portanto, uma nova pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLASI CUNHA, Juliana. **Atafona: Formas de Sociabilidade em um balneário na região Norte-Fluminense**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF), 2007. 124p.
- CASTRO FARIA, Luiz de. **Os Pescadores de Ponta Grossa dos Fidalgos: Um Estudo de Morfologia Social**. (Título Provisório) Inédito. Conforme originais incorporados ao acervo do Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/CNPq, no Observatório do Valongo, Rio de Janeiro/RJ.
- CASTRO, Josué de. **Homens e Caranguejos**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.
- COLAÇO, José. **Quanto Custa Ser Pescador Artesanal? Etnografia, relato e comparação entre dois povoados pesqueiros no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.
- COLAÇO, José. **Um Outro Olhar sobre Ponta Grossa dos Fidalgos: Usos da fotografia na pesquisa antropológica**. In: Revista Comum. Vol. 12, n. 27 quadrimestre julho-dezembro. Rio de Janeiro, 2006.
- DUARTE, L. F. D. **As redes de suor: a reprodução social dos trabalhadores da produção da pesca em Jurujuba**. Niterói: Eduff, 1999.
- HUGUENIN, Fernanda Pacheco da Silva. **Desastres Ambientais no Rio Paraíba do Sul do Ponto de Vista dos Pescadores de Gargaú: Dramas e ‘Ofensas’ para uma Antropologia Política**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós

Graduação em Políticas Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), 2006. 145p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Tipos e Aspectos do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1963.

KANT DE LIMA, R. **Os Pescadores de Itaipu. Meio Ambiente, conflito e ritual no litoral do Estado do Rio de Janeiro**. Niterói: Eduff, 1997.

LATOUR, Bruno. **Ciência em Ação. Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: Unesp, 2011.

MALINOWSKI, Bronislaw K. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1984. [Coleção Os Pensadores].

MELLO, Marco Antonio da Silva & VOGEL, Arno. **Gente das Areias: Sociedade, História e Meio Ambiente no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: EdUFF, 2004.

PESSANHA, E. G. F. **Os companheiros. Trabalho e Sociabilidade na Pesca de Itaipu**. Niterói: Eduff, 2003.

PÉTONNET, Colette. **Observação Flutuante: O exemplo de um cemitério parisiense**. In: Revista Antropolítica n. 25 (2), Niterói, 2008..

FONTES DIGITAIS:

www.cidades.ibge.gov.br

www.ibge.gov.br

www.google.com.br/maps

www.myheritage.com.br

www.pnud.org.br

www.suapesquisa.com

www.pnud.org.br

<http://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/noticia/2013/07/sao-francisco-de-itabapoana-rj-tem-o-segundo-pior-idh-do-estado-do-rio.html>.